Acervo Revisitado

intersecções e convergências
no redesign de uma
coleção díspare

Maria José Vicentini Jorente
Organizadora

Oficina Universitária
Cultura Acadêmica Editora
CAPES
ppgci unesp

MARIA JOSÉ VICENTINI JORENTE

Acervo Revisitado

intersecções e convergências
no redesign de uma
coleção díspare

MARIA JOSÉ VICENTINI JORENTE

DESENHADO POR
MARIA JOSÉ VICENTINI JORENTE
ISABELLE RIBEIRO O. C. LIMA
STEPHANIE CERQUEIRA SILVA

Acervo Revisitado

intersecções e convergências
no redesign de uma
coleção díspare

Marília/Oficina Universitária
São Paulo/Cultura Acadêmica

2021
2 ª edição

Ficha Catalográfica

Jorente, Maria José Vicentini

J82a Acervo revisitado : intersecções e convergências no redesign de uma coleção díspare / Maria José Vicentini Jorente – 2. ed. – Marília: Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2021.

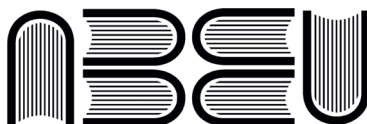
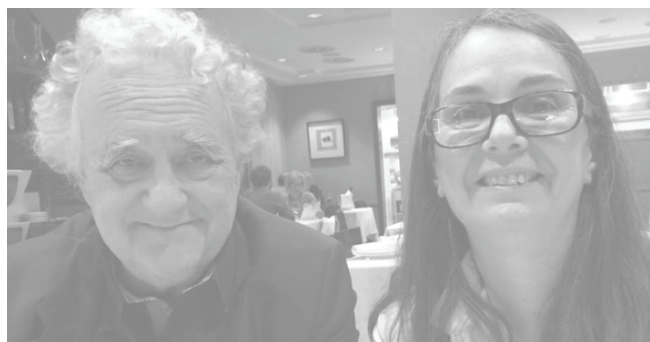
142 p. : il.

ISBN 978-65-5954-139-3 (impresso)
ISBN 978-65-5954-140-9 (digital)
DOI: https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-140-9

1. Design 2. Ciência da Informação. 3. Curadoria de Dados. 4. Museus. I. Título.

CDD 069

Lucinéia da Silva Batista
Bibliotecária CRB SP 010373/O

Editora afiliada

Cultura Acadêmica é selo editorial da Editora UNESP
Oficina Universitária é selo editorial da UNESP - campus de Marília

É impossível realizar tudo o que é possível.
Jorge Wagensberg

1
2
H-90 - Bule de ágata-2
Zona de identificação
Código de referência BRMHFFC-INT-UTECOZ-H/90
Título Bule de ágata
Data(s) 12/31/1959 (Acumulação)
Nível de descrição Item
Dimensão e suporte Tridimensional - ágata; metal
Altura: 19 cm
Largura: 25 cm
Profundidade: 17 cm
Zona do contexto
Nome do produtor Não identificado
Entidade detentora Museu Unesp Marília
Fonte imediata de aquisição ou transferência Doado por Paulo Barros Camargo.
Zona do conteúdo e estrutura
Âmbito e conteúdo Bule inglês de ágata na cor cinza e prata com detalhes em metal. A peça possuí base circular em metal com dois furos, corpo em pedra ágata no formato concavo, com detalhe de metal em alto relevo ao centro, contendo uma alça de formato semi circular, com ...
Avaliação, selecção e eliminação Permanente
Ingressos adicionais Sem ingressos adicionais
Zona de condições de acesso e utilização
Condições de acesso Acesso virtual.
Condiçoes de reprodução Sem restrições.
Zona das notas
Nota Nota de conservação: A peça possui alguns pontos de desgaste, detalhe de metal em alto relevo ao centro danificado.
Pontos de acesso
Pontos de acesso - Assuntos Utensílio de cozinha; Bule
Pontos de acesso - Locais Marília, São Paulo, Brasil.
Pontos de acesso - Nomes Não identificado (Produtor); Paulo Barros Camargo (Assunto)
Pontos de acesso de gênero Tridimensional
Zona do controlo da descrição
7
4
5
museu|unespmarília
scrição arquivística | Registros de autoridade | Instituição arquivística | Funções | Assuntos | Locais | Objetos digitais
BEM-VINDO
coleções
novidades
8
William Nava
Museu Pedagógico Unesp
Endereço de Correspondência
Contato
6
UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília
INVENTÁRIO - Bens Móveis existentes em julho de 2007
Localização: Centro de Documentação Histórica e Universitário de Marília-SP
TOTAL DE PEÇAS: 600
DISCRIMINAÇÃO | PROCEDÊNCIA
Almofariz de bronze grande de haste - americano | Paulo Barros Camargo
Almofariz de bronze - brasileiro | Idem
Almofariz de bronze com frisos cinzenlados | Idem
Almofariz de bronze | Idem
Almofariz de bronze | Idem
Almofariz de bronze - espanhol | Idem
Almofariz de bronze | Idem
Almofariz de bronze - português | Idem
Candeia Seissentista - Século XVII, em cobre | Idem
Candeia Seissentista - Século XVII de ferro | Idem
Canjirão de cobre feito a mão | Idem
Pichel de ferro pequeno | Idem
Pichel de ferro pequeno | Idem
Pichel grande de ferro ciclo tropeiro | Idem
Balança pequena - século XIX | Idem
Coleção de pesos e medidas - Ingês - 7 peças | Idem
Candeeiro de um bico | Idem
Candeeiro de dois bicos - século XIX | Idem
Candeeiro de parede ou mesa em cobre e latão, com corrente | Idem
Candeeiro de haste gigante de quatro bicos | Idem
Candeeiro de quatro bicos com haste torneado | Idem
Lanterna de mão - uso individual - de latão e cristal | Idem
Imagem de barro cozido - São João Batista | Idem
Pé de estribo com armas do Império | Idem
Atril de madeira para missal | Idem
Marimbau | Idem
Castiçal de haste gigante com globo de vidro e de guarnição de metal | Idem
Pé de estribo feito a mão | Idem
3

SUMÁRIO

INTEGRANTES DO LADRI

Profa. Dra. Maria José Vicentini Jorente
Prof. Dr. Edberto Ferneda
Dra. Natalia Nakano
Dra. Mariana Cantisani Padua

Doutoranda Laís Alpi Landim
Doutoranda Lucinéia da Silva Batista
Ms. Nandia Letícia Freitas Rodrigues
Mestranda Stephanie Cerqueira Silva
Mestranda Gabriela de Oliveira Souza
Mestrando Simão Marcos Apocalypse
Isabelle Ribeiro Ornelas Coelho Lima

Descritores AtoM
Doutoranda Lucinéia da Silva Batista
Mestranda Gabriela de Oliveira Souza
Mestranda Stephanie Cerqueira Silva
Mestrando Simão Marcos Apocalypse

Fotografia
Mestranda Stephanie Cerqueira Silva
Isabelle Ribeiro Ornelas Coelho Lima

Archivematica
Doutoranda Lucinéia da Silva Batista
Mestranda Stephanie Cerqueira Silva
Isabelle Ribeiro Ornelas Coelho Lima

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Cândida Fernanda Antunes Ribeiro
Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita
Prof. Dr. Edberto Ferneda
Dra. Dunia Llanes Padrón
Dra. Elisabeth Roxana Mass Arraya
Ms. Karen Kahn

Bruno Henrique Rodrigues Arraes
Silvio Candido
Telma Jaqueline Dias Silveira

Apresentação

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam.
E mesmo estes podem prolongar-se em memória,
em lembrança, em narrativa.
José Saramago

Há algumas décadas, o termo "memória" vem sendo ressignificado, tornando-se um tema de discussão acadêmica. A preservação da memória histórica e cultural de uma sociedade é um desafio constante, onde os museus exercem um papel significativo e relevante, responsáveis pela preservação do patrimônio material e imaterial de um povo e conectando passado, presente e futuro.

Não mais pensado como um "lugar de coisas velhas", os museus vêm se moldando ao acelerado progresso tecnológico com o objetivo de melhor informar seus conteúdos para um público cada vez mais amplo. Entendido como emissor de conhecimento, o museu se desprende de sua forma física tradicional, pautada no objeto materializado, e passa a ser um conceito que pode ser explorado por uma infinidade de recursos tecnológicos.

No cenário anteriormente descrito, por meio da tecnologia e por um curso razoável, a experiência museal pode ser amplamente disponibilizada. Dispositivos tecnológicos (computadores, *tablets*, *smartphones*), a Internet e a Web permitem a comunicação museológica para uma audiência de proporções potencialmente globais. Porém, como poderemos verificar nas próximas páginas, esse cenário não prescinde de esforço, pessoas capacitadas e muita paixão.

É comum e natural que alguns de nossos interesses e aptidões de adulto estejam ligados a pessoas que nos contagiaram, quando jovem, com suas paixões e seu conhecimento. É nessa classe de pessoas que está a Prof.ª Dr.ª Maria José Vicentini Jorente.

Neste livro, Jorente apresenta e dá voz àqueles que foram contagiados por suas paixões e relata a execução de um projeto: preservar e da acesso à memória e ao patrimônio cultural de uma comunidade a partir de um acervo da Faculdade de Filosofia de Ciências da Unesp de Marília.

Edberto Ferneda
Marília, São Paulo, 30 de julho de 2021.

Trabalhos como este nunca são trabalhos
para uma só pessoa, mas para um coletivo...

Maria José Vicentini Jorente

INTERSECÇÕES E CONVERGÊNCIAS NO REDESIGN DE UMA COLEÇÃO DÍSPARE

A cultura é um sistema complexo de difícil definição: o conceito de cultura que adotamos implica em um tecido composto por um mosaico de conhecimentos desordenados ligados por relações associativas (proximidade, época de aquisição, assonância). Ademais, a totalidade dos sistemas de significação por meio dos quais se criam valores, identidade e interação com o mundo, também pode ser entendida como cultura. A visão sistêmica refere-se, assim, às linguagens da cultura, que englobam tanto o conceito de cultura como ilustração quanto as atividades sociais e os padrões de comportamento em geral.

Nos equipamentos culturais constituídos como redes memoriais (bibliotecas, arquivos e museus), subsistemas construídos pela complexidade, a preservação da memória e do patrimônio cultural material e imaterial de uma comunidade propiciam a contextualização e a contínua reinterpretação do conhecimento do presente: nessas instituições voltadas ao acesso à memória, as descrições e registros informacionais realizados pelas sociedades humanas ao longo de sua existência são elementos essenciais para a constante ressignificação do conhecimento. Dispostos pela história da humanidade, tais equipamentos, como centros de custódia patrimonial, cumprem a função social e cultural de organizar uma diversidade de informações. Estabeleceram vínculos com a memória coletiva, que dão sentido ao presente e contextualizam as memórias dos indivíduos.

No entanto, as bibliotecas, os arquivos e os museus, entre outros espaços de informação, conhecimento e cultura não nasceram prontos. Como resultados de experimentação e de criação social, histórica e cultural podem ser definidos como frutos de seleção cultural.

No processo de configuração de seus conteúdos, negociam-se social e culturalmente sobre as convenções dos métodos, das estratégias e da seleção de seus espaços e acervos. Além disso, é importante destacar que lugares de memória marcados pela sua significação espacial, são artefatos da modernidade e, ao se configurarem enquanto materialidade, revestem-se das linguagens e dos gêneros que foram neles constituídos.

Ações de preservação e custódia em seus acervos intervêm de diversas maneiras nos documentos e objetos para a sua conservação no decorrer do tempo, para o compartilhamento de informações no presente e para o seu legado ao futuro. Criam-se, por meio dessas ações, mecanismos memoriais de salvaguarda do patrimônio cultural. Aprofundam-se discussões e práticas tanto de conservação e de preservação quanto de atualização na memória coletiva.

Devem-se promover, para isso, atividades de pesquisa, identificação, inventariado; de catalogação, conservação e restauro; de proteção dos chamados bens culturais por meio de medidas políticas legislativas, econômicas, administrativas, científicas e técnicas.

Como resultado, de maneira ideal, o denominado patrimônio cultural estará razoavelmente salvaguardado nas entidades custodiadoras. Complementarmente à preservação e à salvaguarda, o acesso à informação é um direito humano estabelecido e as instituições culturais são responsáveis por promover, socializar e democratizar o acesso aos bens culturais cujos conteúdos informacionais são determinantes para o desenvolvimento da sociedade. Em uma instância paralela à preservação, para um papel ativo da sociedade no plano de políticas públicas de desenvolvimento do país, é necessário

universalizar o acesso cidadão à fruição e à produção cultural custodiada em ambientes de informação e de produção do conhecimento.

No contexto desses ambientes, as necessidades informacionais - e, inclusive, de entretenimento - de distintos interlocutores devem ser levadas em conta de maneira dialógica com a preservação e a custódia. As ações nas instituições necessitam ser desenvolvidas tendo em vista comunidades diversas, crianças, jovens e adultos, provindos de variados extratos étnico e sócio-culturais, bem como pessoas com necessidades especiais para promover amplo acesso aos bens culturais no panorama em que estão inseridos. Com vistas a receber distintos indivíduos, tais instituições devem oferecer espaço físico, suportes de informação adequados, tecnologia e pessoal capacitado para atuar nas conceituações, planejamentos e práticas diversas nelas necessárias. Para que isso ocorra, estratégias bem elaboradas de compartilhamento da informação devem convergir no ambiente físico e, contemporaneamente, também nos ambientes digito virtuais que representam cada uma dessas instituições, na busca por uma comunicação eficiente e a interação com as pessoas que freqüentam tais espaços públicos de maneira presencial ou virtual.

O Design da Informação (DI) é instrumento-chave de abertura para o acesso. Um design inovador da informação leva à reflexão, à conversação, ao retorno frequente aos ambientes de compartilhamento de informação, promotores de conhecimento e de produção cultural. A busca de um DI inovador requer planos de gestão, acervos, coleções e fundos organizados, planejamento estratégico, equipes de projetos em múltiplas áreas com interdiciplinariedade entre especialistas, coordenação geral das curadorias e coordenações e equilíbrio

entre as áreas de fricção, que fazem parte de todos os ambientes de informação e conhecimento.

O acesso à informação influencia a formação da consciência coletiva em favor da preservação e da consolidação de ecoeconomia baseada em informação e conhecimento e na sua multiplicação. A valorização, a gestão e a preservação do patrimônio – histórico, científico, tecnológico, ambiental, cultural, artístico, entre outros de interesse da sociedade - também são fundamentais para o seu entorno. Por essa razão, identificam-se necessidades de políticas públicas de cultura e de desenvolvimento de suportes no compartilhamento e acesso à informação.

O compartilhamento da informação e a mediação cultural são fundamentais para atender tanto aos princípios orientadores quanto eixos programáticos estabelecidos para o país no escopo das Políticas Nacionais de Cultura. Profissionais da Ciência da Informação, atuantes nos equipamentos culturais, devem, portanto, dialogar com os demais atores responsáveis pelos múltiplos aspectos de compartilhamento da informação com as comunidades de interesse e com a sociedade.

Maria José Vicentini Jorente

O PROJETO

Laboratório de Pesquisa
em Design e
Recuperação da Informação
GPnti
Grupo de Pesquisa
Novas Tecnologias em Informação

Museus são espaços públicos de custódia de documentos, objetos e memórias - patrimônio material e imaterial - que necessitam de preservação e de processos corretos de compartilhamento das informações neles custodiadas, a fim de cumprir seu papel na sociedade. Políticas públicas de cultura no Brasil preconizam, atualmente, o desenvolvimento de softwares livres e abertos para servir às situações de compartilhamento, que culminam com a consequente preservação dos acervos, pois o reconhecimento do patrimônio é o melhor instrumento para isso.

A percepção da mudança do paradigma de custódia para o momento pós-custodial e científico informacional se deve, principalmente, ao fato da digitalidade colocar em questão a noção estática e durável do documento. Consequentemente, as boas práticas de compartilhamento da informação na atualidade devem ser representadas por um novo design e por novas apresentações da informação possibilitadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e postas em prática nos ambientes da Web.

Por meio das intersecções entre sistemas complexos e da interdisciplinaridade entre áreas próximas como o são a Ciência da Informação e a Ciência da Computação, podemos refletir, contemporaneamente, sobre a criação de zonas emergentes de acesso e de apresentações convergentes de informação por meio de um Design da Informação (DI) híbrido, que se aplique aos ambientes físicos e digito virtuais de instituições custodiadoras como os Museus. Por força das mudanças tecnológicas novas discplinas se estabelecem e se relacionam inter e transdisciplinarmente; constituiem-se, assim, novos campos com domínios sistemicamente inter-relacionados. As metodologias de aproximação de tais emergências necessitam

também de transformações para acordar com os valores sistêmicos desenvolvidos em tais dinâmicas. Os profissionais que atuarão nas áreas anteriormente definidas devem, agora, ser preparados para entender e trabalhar com as mudanças paradigmáticas representadas pela hibridez dos novos ambientes digitais: profissionais hibridizados pelos conhecimentos do DI.

A complexidade dos aspectos envolvidos em tais processos presume uma grande responsabilidade para criadores, organizadores e gestores de ambientes de institucionalização da cultura e, atualmente, reside na percepção da necessidade de socialização do acesso aos bens culturais de uma determinada região: é a partir da dinâmica existente entre o cidadão, a sociedade e o desenvolvimento social e econômico nos âmbitos local e também global (dinâmica na qual emerge o conceito de "glocal") que se consolida o patrimônio cultural de um país.

Enfatiza-se, nesse contexto, a necessidade de se considerar tais fatores a conservação *in situ* de coleções de objetos e fundos documentais históricos; o que implica na criação de políticas públicas para a manutenção de acervos históricos nos municipios. Por outro lado, o acesso às informações deve ser propiciado também de forma remota e virtual ensejando uma conversação entre as possibilidades oferecidas pela materialidade presencial e a fluidez da segunda forma de acesso.

A pesquisa que empreendemos e que dá origem ao livro Acervo Revisitado: intersecções e convergências no redesign de uma coleção díspare, relacionou-se à implantação de um ambiente digital criado por convergências de software livre e aberto, customizado para um acervo museológico da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) de Marília, com possibilidade de replicação para acervos de outros campi da Unesp no contexto da pós-custodialidade.

O projeto foi criado em 2013 no Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI) localizado no Centro de Documentação Histórica e Universitária de Marília na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Objetivou-se produzir no LADRI um ambiente digital modelar, a partir do acervo da FFC de Marília, São Paulo, para outros Museus da Unesp e promover ações de comunicação e de preservação de fundos e acervos em ambientes digitais.

No LADRI, empreendem-se, continuamente ações de pesquisa de Curadoria Digital fundos e acervos da Unesp. Garante-se, deste modo, a interação com os ambientes de acordo com princípios da Ciencia da Informação (CI), do Design de Interação (DIn) e do Design de Experiências (UX). Consideram-se as novas possibilidades oferecidas pela digitalidade – Web Colaborativa e Web Semântica integradas. Convergem em tais processos as ações recomentadas pelo Digital Curation Centre (DCC) para espaços híbridos a fim de integrar o Website a outros ambientes digitais de outros museus, bibliotecas e arquivos do país, correlatos internacionais e redes sociais.

Inicialmente, ao assumirmos o Acervo da FFC, foi realizada uma abordagem exploratória e técnica, na qual pudemos verificar que o caráter dos objetos custodiados era o de vestígios históricos, similares aos de outros museus histórico pedagógicos, que também reúnem objetos de heterogeneidade complexa. No cenário encontrado, o acervo da FFC pode constituir uma memória institucionalizada como espaço social público no ambiente digital da Web, que auxilia a formação de cidadãos, em especial os que residem fora dos grandes centros cosmopolitas, pois, no interior do Estado, o acesso aos bens culturais é dificultado por variadas conjunturas. Além disso, é

importante destacar a função modelar de ampliação e replicação da iniciativa da criação de um ambiente digital com base nas intersecções entre a Ciência da Computação, a Ciência da Informação e o Design da Informação.

Se as instituições históricas de custódia de documentos, objetos e memórias não forem salvaguardadas por meios e instrumentos apropriados, degradam-se. Desta maneira, a documentação do acervo será disponibilizada por meio de uma customização do Acess to Memory (AtoM), um software livre em constante atualização (beta perpétuo), elaborado por meio da união entre a Artefactual e o Conselho Internacional de Arquivos (ICA). O AtoM é pensado para o melhor acesso à representação da memória de maneira convergente e híbrida e, customizável para ambientes museológicos. Com a customização, é importante enfatizar, surge um novo software de caráter gratuito para Museus no contexto da Pesquisa e Extensão da Unesp, um recurso inédito no Brasil.

A partir do primeiro contato, um inventário pré-existente foi atualizado de forma colaborativa, por uma equipe de estudantes bolsistas e voluntárias. Sequencialmente, foi executado um plano de classificação física dos objetos e documentos custodiados; os itens foram descritos, catalogados, fotografados e, finalmente, inseridos no software. Para estabelecer relacionamentos e obter uma recuperação semântica das informações do catálogo e inventário gerados pelo trabalho, as informações do acervo foram transcritas para o AtoM em campos criados pela customização, com base no "Thesaurus para acervos museológicos", no qual se apresenta um sistema de classificação e terminologias utilizadas no contexto museológico. Foi utilizado, conjuntamente, o Tesauro de Folclore e Cultura Popular Brasileira para a atribuição de

UNESP
02
UNESP
07
UNESP

palavras-chave. A criação desse último material proviniente de referências de diversos museus brasileiros com acervos heterogêneos. Optou-se por construir, a partir dos itens descritos, um vocabulário controlado que garante o acesso à informação e o estabelecimento de relações entre as peças. O projeto fundamenta-se na valorização do patrimônio cultural da FFC, de forma que a população mariliense e do oeste-paulista possa se reconhecer, a partir de um processo de caráter regional e local. Tal complexidade é fundamental para apoiar o desenvolvimento sociocultural da região, principalmente no que diz respeito aos conteúdos informacionais contidos nos objetos museológicos, porquanto representam a história da cidade e da região.

Espera-se que a coleção tratada ganhe presença junto à sociedade civil (cidadãos, escolas, organizações), organismos governamentais, entre outros, de modo a obter mais recursos para o tratamento de outros subsistemas relacionados ao acervo, tais quais conservação e restauro. Com a organização do inventário, a digitalização do acervo e o compartilhamento dos dados e informações por meio da Internet se levará, à comunidade, como contrapartida, conhecimentos, que visam introduzir as pessoas às informações necessárias para a preservação da memória e da cidadania. Ao considerar que essas informações estarão disponíveis nos canais digitais é possível avaliar que toda a rede digital passa a ser sua potencial compartilhadora. O tratamento do acervo resultará, então, em um organismo vivo que nos oferecerá a oportunidade laboratorial de teste e crítica da virtualização de seus fundos, bem como dos acervos da Unesp.

Maria José Vicentini Jorente

Tabela 1 - Sistema de classificação do Acervo museológico da FFC.

INT - Interiores
- ILUM - Objeto de Iluminação
- UTEDOM - Utensílio Doméstico
- UTECOZ - Utensílio de Cozinha
- AIN - Acessório de Interiores
- PM - Peça de mobiliário

MONT - Montaria
- AM - Acessórios de Montaria

CG - Caça e Guerra
- ARM - Armas
- IC - Instrumentos de Caça
- AARM - Acessórios da armaria
- MUNA - Munição e Acessórios
- ED - Equipamento de Defesa

EXT - Exteriores

OC - Objetos Cerimoniais
- OCULT - Objetos de Culto
- OA - Objeto de Adoração

COM - Comunicação
- DOC - Documentos
- EDE - Equipamentos para Comunicação Escrita

INS - Ínsignias

CONST - Construção
- FRAC - Fragmento de Construção

EMBR - Embalagens e Recipientes

LAZ - Lazer e Desporto

MROP - Medição, Registro, Observação e Processamento
- IPO - Instrumento de Precisão Óptico
- IMT - Instrumentos de medida do tempo
- IMP - Instrumento de Medida de Peso

OPE - Objetos Pecuniários

OP - Objetos Pessoais
- ATAB - Artigo de Tabagismo
- OA - Objeto de Adorno
  - ADI - Adorno Indígena

TRAB - Trabalho
- IPESC - Instrumentos de Pescas
- EUG - Equipamentos de uso Geral
- EAGRI - Equipamentos Agrícolas
- EPEC - Equipamentos de Pecuária
- EFT - Equipamentos de Fiação e Tecelagem
- MAR - Marcenaria

INSTM - Instrumentos Musicais

AMFR - Amostras e Fragmentos

DESIGN DA INFORMAÇÃO

A impregnação tecnológica em nossas vidas deve ser entendida, assim, no cenário da crescente complexidade das tecnologias de informação e comunicação e relações humanas. No final dos anos 1980, se consolidou uma linguagem digitalizada e convergente dispostas em interfaces de interações. Tal aparecimento revolucionou o conceito de *mass media* ao possibilitar comunicação com variadas comunidades de interesse. Além disso, os processos de compartilhamento de informação ganharam interatividade com as possibilidades surgidas na Web 2.0.

Em tal cenário, o conceito de complexidade é chave para entender a contemporaneidade da comunicação na web. Para as ciências, o conceito de complexidade encerra uma mudança na visão das relações entre o todo e suas partes. A principal qualidade do que é complexo é conjugar muitos elementos ou partes em uma realidade que pode ser observável sob vários aspectos. A complexidade sistêmica do processo informacional e comunicacional explicitou-se nos relacionamentos entre elementos e partes e na convergência das informações nas estruturas sistêmicas complexas.

Emergiram novas formas representacionais e de apresentação da informação; formas hipertextuais e igualmente complexas de apresentação da informação passaram a interferir nas interações entre os indivíduos e a informação e criaram um redesenho da Cultura. Os desafios dos profissionais da informação ao atuarem nos ambientes digitais têm sido, desde então, relacionados à manutenção de uma linguagem natural e cotidiana, que aumenta as possibilidades e a efetividade da interatividade ao propiciar uma melhor socialização da informação potencializada pelas tecnologias na gênese do multimídia.

Com a integração dos meios de comunicação, a linguagem escrita cedeu continuamente espaço às imagens estáticas e dinâmicas e ao áudio, até que as semioses, os processos de produção de significados dessas linguagens tornaram-se equivalentes. Tais formas, imagético-textuais, articuladas pelo hipertexto, proporcionam a distribuição e o aumento da inteligência coletiva, ao transformar as maneiras como lemos e escrevemos. Esgarçam as fronteiras entre leitura e escritura como também a de autoria, a partir das possibilidades oferecidas de edição e colaboração no ambiente Web 2.0. O hipertexto transforma cognitivamente as pessoas que com ele interagem: as representações veiculadas nas mídias da Web 2.0, por meio de hipertextos para o compartilhamento de informação de muitos para muitos, criam, paralelamente, novos planos de contato na rede de percepções e na elaboração de novos padrões na rede.

Outro conceito-chave é a co-evolução humano-tecnologia, dada entre outros fatores, pelo conhecimento dos códigos e linguagens que possibilitam o relacionamento. Meios e suportes de informação se multiplicam e convergem em plataformas e ambientes digitais. Provocam, por outro lado, um aumento dos dados e de informação produzidos, bem como urgente necessidade de gestão destes dados e da informação.

Consequentemente, a criação de ambientes desenhados de maneira eficiente e eficaz e ações de curadoria necessitam ser empreendidas a fim de que o armazenamento da exponencial quantidade de dados e informações possa ser gerenciado. Tais ações se referem à também exponencial quantidade de acessos e à diversidade tipológica dos internautas. Nesse contexto, a principal função da estruturação de dados e da organização da informação nos ambientes digitais visa que o acesso, a recuperação, o uso e reuso da informação ocorram

para a sua elaboração em conhecimento compartilhado e para que a preservação seja natural: na criação de um ambiente digital, a utilização de terminologias apropriadas garante que as informações possam ser inseridas de forma correta e coerente visando a interoperabilidade e a integração entre os dados.

Portanto, é essencial que metadados e meta representações sejam suficientemente expressivos, para que as máquinas ou agentes sejam capazes de entender o seu significado. Nesse sentido, comunidades especializadas têm desenvolvido iniciativas com o intuito de criar esquemas de metadados para a padronização da descrição de recursos utilizados nas diversas áreas do conhecimento. Definir padrões, entretanto, transcende as questões que têm sido estudadas e apontadas nas áreas da Ciência da Computação e da Ciência da Informação; tratar da complexidade constituída pelo entrelaçamento das questões culturais, sociais e históricas aponta para um sistema de alta complexidade com diferentes facetas. Entende-se que os padrões sejam usados em muitas áreas como 'modelos' ou descrições abstratas que reúnem as melhores práticas de algum campo; padrões de software tornaram-se mais conhecidos como *design patterns*.

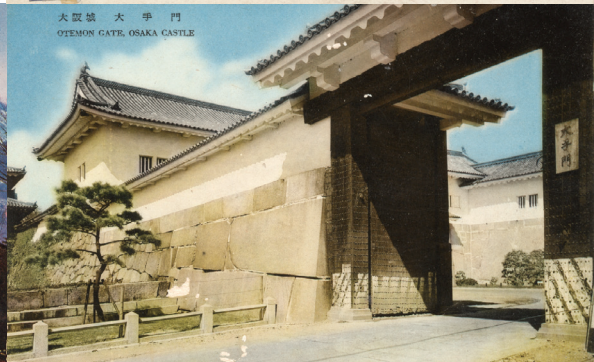
Contudo, Design é um conceito amplo e muito além da especificidade dos padrões de design. Derivações disciplinares do design produzem clareza, precisão e eficiência na comunicação de ideias complexas. O Design é uma ciência, uma disciplina e uma metodologia que produz sentidos e estrutura codificações e subdisciplinas nas áreas de informação e de comunicação. Fornece recursos de articulação de linguagens, estéticas, ligadas à percepção, às inteligências e ao comportamento; e dá suporte aos objetivos dos criadores dos ambientes presenciais ou digitais.

O Design da Informação (DI), uma dessas variações, caracteriza-se pelo grande número de domínios associados a ele. É, portanto, um campo integrador que possibilita pensar produtos, padrões e estruturas que resultam em sistemas convergentes de diferentes linguagens. Linguagens, como as do AtoM, do Archivematica, e de outros produtos semelhantes, em que a estrutura interna das codificações torna possível a interoperabilidade entre diferentes repositórios que detêm informações distintas.

As estruturas de DI criadas na Web 2.0 permitem que os agentes de diversas áreas sejam capazes de operar de forma coerente. Ademais, permitem que se apresentem informações e suas relações não somente sintáticas, mas também a níveis profundos e complexos, que atingem questões pragmáticas e semânticas. Os agentes computacionais, por exemplo, são capazes de. por meio de recursos do DI, administrar um raciocínio automatizado para a representação do conhecimento e relacionar dados fornecidos entre os objetos digitais.

Uma interface de interação deve fornecer ao internauta respostas às indagações que surgem em uma visita ao ambiente digital de qualquer instituição, em especial as de memória e cultura. As necessidades dos internautas devem ser respondidas por um DI que articule as convergências nos ambientes digitais, antecipando a disponibilização e o compartilhamento da informação e a criação do conhecimento derivado da interação.

No entanto, as linguagens utilizadas na Web 2.0 são ainda pouco conhecidas pela comunidade em geral devido à complexidade para o tratamento de regras, de recursos, dos agentes, dos sistemas e das possibilidades que proporcionam. Nesse sentido, os desenvolvedores e designers necessitam encontrar o espaço para localizar, referenciar, interoperar e

比叡山 根本中堂
KONPONCHUDO Mt HIEI
POST CARD
CORRESPONDENCE ADDRESS
PLACE STAMP HERE
郵便はがき
F. F. C. L. M.
N.o 2016
Dep. de Hist.
MUSEU
伏見桃山城 Fushimi Momoyama Castle
豊臣秀吉が築いた伏見城が徳川家によりとりこわされその城あとに昭和39年近代建築技術の粋を集めて往古の姿そのままに復元され京都の新名所の一つとして人
POST CARD
CORRESPONDENCE ADDRESS
PLACE STAMP HERE
郵便はがき
F. F. C. L. M.
Dep. de Hist.
MUSEU
大阪城 大手門
OTEMON GATE, OSAKA CASTLE
F. F. C. L.
Dep. de Hist.
MUSEU
POST CARD
郵便はがき
Oshino Village and Mt. Fuji.
At the foot of Mt. Fuji, Oshino village built on the site of the former Oshino Lake, carries on a thriving business in rice. While the village rests after the busy harvest season, the snow of early winter covers Mt. Fuji.
POST CARD
PLACE STAMP HERE

solucionar problemas. Os desafios técnicos, tecnológicos e sócio-técnicos propostos pelos sistemas e pelas redes convergentes (podemos encontrar em uma só rede compartilhamento de voz, de dados, de imagens, sensores, etc.) necessitam ser enfrentados para que elas sejam promotoras de conhecimento.

Por outro lado, é necessária escalabilidade para que as redes convergentes sejam efetivas e alcancem um grande número de internautas. Um sistema escalável necessita manter seu desempenho, independentemente de suas extensões ou da utilização dos seus recursos: deve estar em beta perpétuo e permitir frequentes atualizações sem desligamento, para suportar e aumentar processamentos que se fizerem necessários diante da adição de processadores e de dispositivos de armazenagem. Deve permitir a escalabilidade horizontal e possibilitar a adição de mais nós aos seus subsistemas. Contudo, deve-se considerar que, nas redes conectivas convergentes,-como a Web 2.0, o entrelaçamento entre objeto, internauta e método, em um sistema relacional de complexidades, predispõe às emergências por meio das estruturas de linguagens e de codificações.

São as conexões e nós da rede que fazem interagir os padrões de maneira complexa (complexidade sempre entendida como a soma das partes e as emergências resultantes de tal soma). A interação entre os sujeitos da comunicação humanos e maquínicos por meio dos artifícios linguísticos é, portanto, um dos aspectos mais inovadores da Web Colaborativa ou Web 2.0. As emergências surgidas das interações são responsáveis pela formação de padrões de complexidade resultantes de interações simples.

Por outro lado, se a informação necessita ser comunicada para reelaborar-se em conhecimento, o seu suporte

representacional necessita ser apreendido como processo tecnológico que é - escrito, imagético, sonoro, multimidiático - já que os suportes de informação determinam as suas formas de acumulação ou de estocagem e, também, de abordagem.

O universo da informação, em seus aspectos materiais e imateriais propõe formas concretas de leitura. Nos processos de comunicação, os internautas se envolvem nos ambientes e interfaces, como partes de um super sistema criado pelas estruturas desenhadas. Dessa maneira, uma diversidade de universos deve convergir para o equilíbrio na real apropriação dos materiais informativos: os processos digitais contemporâneos criam e ampliam de maneira transdisciplinar novas possibilidades de reflexão e de exploração do conhecimento neles veiculado. Nos ambientes digitais se conjugam protocolos tecnológicos, capacidades cognitivas, competências e convenções sociais, que constituem a comunicação digital contemporânea.

Nessa tela, devem ser consideradas e potencializadas pelos profissionais da informação para que as interações e a crescente oferta de acesso e de engajamento nos ambientes digitais possam derivar os benefícios sociais. Conclamam a colaboração e o empoderamento; enfatizam participação, conversação e autoarquivamento; códigos visualizáveis e contextualização; permitem o beta perpétuo e constantes melhorias sistêmicas pela configuração rizomática e complexa da rede mundial, um sistema aberto, dinâmico, fluído e compreensivo.

A Web Colaborativa apresenta-se, assim, como um ambiente apropriado para a expressão da diversidade cultural, para a prestação de serviços on-line e, principalmente, para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas. A natureza conceitual da rede de computadores, atualmente, é a de convergência com os sujeitos que nela navegam em que

a percepção da informação é permeada pelas tecnologias e estruturada para registrar e organizar o mundo e para, também, proporcionar o acesso ao conhecimento. No novo paradigma apresentado como pós-custodial, os profissionais da informação necessitam pensar no redesenho dos sistemas digitais por meio do Design da Informação e da Curadoria Digital.

A rede mundial de computadores assiste ao nascimento de uma nova inteligência, identificada como um fenômeno ainda imperceptível como um todo, mas já aparente em diversas situações envolvendo nativos digitais que já nasceram imersos nas novas formas de criação e de compartilhamento da informação com uma inteligência funcionalmente distinta, aparelhada por capacidades necessárias, desenvolvidas para viver e operar no novo entorno tecnossocial.

Maria José Vicentini Jorente

LADRI

Maria José Vicentini Jorente

Nasci há mais de meio século, criança curiosa e inquieta, das que as pessoas chamavam levadas; das que, atualmente, são medicadas. Afortunadamente, os tempos eram outros. Fui boa aluna, embora não prestasse atenção a nada que não me interessasse. Só fingimento: o suficiente para me safar das obrigações do momento. Minha cabeça sempre inventando inadequações.

Meu pai incentivou-me a sonhar com descobertas fantásticas, com desmontes e recriações, com a reorganização do que eu julgava insuficiente, pouco funcional, pouco eficiente e pouco estético. Meu pai me incentivou ao redesenho do meu mundo, para que eu atuasse nas mudanças que desejava, em um tempo que as moças deviam aquietar-se em suas insatisfações. Pus-me na estrada, errei pelo mundo, ampla e irrestritamente. Não fui arquiteta como sonhou meu pai; fui designer de produto, porque arquitetura é edificação e eu não queria edificar nada. Fui linguista, por meu interesse nas traduções intersemióticas, que sonhava compreender.

Pensava, por outro lado, que um ser humano lúcido deveria mudar de profissão a cada dois anos, pelo menos; mesmo que em áreas correlatas, para não sucumbir à mesmice. Trabalhei com arte, com curadoria de exposições, com cenografia, com design, com design de moda, da informação, de interação. Em comum, como pano de fundo, estava a mudança, a itinerância, o novo inédito; mas também o estudo da memória, da leitura do mundo, da psicanálise, da história, da cultura, da sociedade.

O fato é que a força da vida, que tem ideias diferentes de nossos planos pessoais, me trouxe para a Universidade Estadual Paulista (Unesp) há dez anos - para a Faculdade de Filosofia e Ciências. Criei aí o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI). A ideia era reunir condições para pensar a informação e a comunicação pelas conformações multimediadas pelo Design da Informação (DI), o que na contemporaneidade passa pelos meios eletrônicos; mas também passa por realizar uma ciência do Século 21. Mais do que um espaço institucional, queria que o LADRI fosse um lugar que reunisse pessoas a trabalhar para pessoas; com competências aprendidas por meio da ciência para pensar mudanças manifestas em meio ao caos da cultura contemporânea; e criar mapas, trabalhar a encontrabilidade da informação, dar acesso àqueles que as oportunidades

faltaram.

Demorei para acertar a mão, porque reunir pessoas para pensar e criar é algo complexo; fascinante, porém trabalhoso. Uma equipe multidisciplinar que se auto-organiza conforme as necessidades; que poderá prescindir de mim a qualquer momento, independente, dinâmica, autossuficiente, sustentável.

Finalmente, penso que chegamos a um ponto de afinação; uma condição, como tudo, impermanente; mas capaz de materializar o que, de maneira sucinta, se apresenta aqui em um recorte no formato papel. É a reorganização de um acervo de objetos e memórias da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, e a documentação de coleções representadas por uma heterogeneidade somente possível em acervos ditos históricos, frutos de acumulações aleatórias, de doações motivadas por razões incontáveis, cujo valor é uma variável que obedece a ordens distintas.

Estou orgulhosa, cheia de admiração pela equipe multidisciplinar envolvida na empreitada, unida pela Ciência da Informação, moldura das intrincadas facetas constituintes das coleções com que temos trabalhado. Experiência que somente a Universidade Pública pode oferecer em um país como o Brasil: um espaço de vivências únicas e de necessária preservação por uma sociedade que se pretenda justa e democrática.

Desejo a todos que essa experiência de interação com o que aqui se apresenta seja prazerosa, que gere reflexões, conversações, trocas de conhecimentos e, especialmente, de compreensão da importância do compartilhamento e da colaboração.

Laís Alpi Landim

Meu nome é Laís e sou doutoranda em Ciência da Informação (CI) na Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Campus de Marília. Minha trajetória teve início em Itapevi, uma cidade dormitório no extremo Oeste da Grande São Paulo – região em que várias cidadezinhas colaram-se umas nas outras ao redor da Terra da Garoa, onde nossos pais, mães, tios e tias trabalhavam e de onde voltavam exaustos. Nessa terra da garoa iniciei os estudos do Ensino Médio e o Técnico em Informática.

No curso, em uma disciplina chamada Lógica da Computação, nas aulas e nas primeiras indicações de leitura do professor Chicão - sobre as falácias e os sofismas, além dos livros O Mundo Assombrado Pelos Demônios e Como a Mente Funciona – encontrei terreno fértil para a curiosidade e encantamento pelas ciências que trazia desde a infância. Nas aulas da professora Jussara, de literatura, descobri livros que seriam os meus favoritos por toda a vida – Ensaio Sobre a Cegueira e As Meninas, sobre os quais tivemos que fazer um trabalho, a partir de pesquisa que resultou nas nossas primeiras visitas à biblioteca da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade de São Paulo (USP). Com minha amiga Aline frequentava, no Espaço Cultural Athos Pagano, os cafés filosóficos, de onde voltávamos extasiadas trocando ideais mirabolantes no trem de volta para casa.

Ao terminar o técnico, aos 17 anos, fui buscar emprego em escolas de informática. No entanto, fui convidada para o processo seletivo para uma vaga de professora de inglês, pelo qual, surpreendentemente, passei com sucesso e comecei a dar aulas. Com essa experiência consolidei meu apreço pela docência, e a descoberta de uma potencial vocação. Ao iniciar os estudos no Cursinho da Poli, minha ideia era cursar Astronomia – tinha visto uma entrevista encantadora com o Marcelo Gleiser, e já era apaixonada pelas teorias de origem do universo e relatividade do tempo. Não obstante, optei pela grade voltada a cursos de humanas – e acabei prestando Ciências Sociais.

Aos 19 anos, parti rumo a Marília, onde iniciei mais uma fase dessa jornada na Unesp. Durante o curso, meu foco acabou fixando-se mais na alimentação do meu repertório de artes e cinema, nas relações humanas e na atuação teatral. Nesse arranjo, não restou espaço para a carreira acadêmica e, como precisava trabalhar, comecei a dar aulas na rede pública de ensino. Sofri as amarguras de trabalhar num

espaço inóspito a professores, estudantes e funcionários, mas aprendi muito e entendi que meu lugar era na docência.

Decidi, então, retornar à Universidade para cursar o mestrado. Como eu pretendia pesquisar bibliotecas escolares, uma amiga da Ciência da Informação (CI) contou-me que meu projeto "caberia" na área. Foi aí que conheci e me apaixonei pela CI. Não passei na primeira tentativa; então, tomei a decisão de iniciar uma graduação na área para me familiarizar com os conceitos. Foi quando conheci a Profa. Maria José V. Jorente (MJ), encantei-me pelas suas aulas caóticas e brainstórmicas e aceitei o convite para frequentar o LADRI. No laboratório, tive a oportunidade de trabalhar com a descrição da hemeroteca do William Nava no AtoM, quando aprendi muito sobre os sistemas de organização de arquivos, além da utilização do sistema para a descrição do acervo museológico da universidade. Ao mesmo tempo, iniciei pesquisa com a Profa. MJ, primeiro em torno da museologia social voltada a questões de gênero em ambientes digitais. Depois, sobre a Curadoria Digital (CI) de ambientes digitais colaborativos e, por fim, o Design da Informação (DI) em ambientes e-saúde – assunto que pesquisei durante o mestrado.

De 2018 a 2019, atuei como coordenadora discente do laboratório em uma configuração colaborativa na qual realizamos nossas pesquisas e, ao mesmo tempo, trabalhamos coletivamente: experiência que revelou-se como uma das mais enriquecedoras que alguém poderia vivenciar. Tive a oportunidade de auxiliar discentes em suas pesquisas; exercitar a coordenação de projetos e coletivos; e, por fim, fazer parte do maravilhoso projeto que culmina neste livro. O sentimento que transborda na escrita deste breve texto é o de gratidão – à equipe Ladri, à MJ, à Universidade Pública, enfim, aos encontros que potencializam tudo isso.

Lucinéia da Silva Batista

Nasci em Vera Cruz, interior de São Paulo. Sou parda, bacharela em Arquivologia e Biblioteconomia, Mestre em Ciência da Informação (CI) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e durante toda minha formação no meu percurso na Universidade, participei do Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI).

Sou filha dos lavradores José Batista (em memória) e Benedita da Silva Batista, que com muito esforço, dedicação e humildade criaram eu e meus 14 irmãos: Maria de Fátima, Arlete, Eva, Lindalva, Raquel, Jonas, Edinalva, Silvia, Marcelo, José, Andreia, Jaqueline, Luciana, Lucimara.

Cresci em um sítio na região de Garça e, por volta de três anos após a morte do meu pai, mudamos para Vera Cruz. Minha mãe trabalhou como empregada doméstica enquanto eu e mais duas irmãs estudávamos. Foi difícil a fase de adaptação, o distanciamento da minha mãe. Quando pequena e trabalhava na roça com ela - e tinha sua presença - as coisas eram mais fáceis, pois, com terra para plantar a vida era de abundância. Porém, ao mudarmos para a cidade, tínhamos somente o básico. Foi muito difícil, quando passamos a ter que comprar tudo. Nossa situação econômica, a luta diária da minha mãe para não faltar o alimento e o nosso sofrimento para conseguir as coisas me levaram a buscar uma vida melhor por meio dos estudos; para que um dia oferecesse algo melhor para minha mãe – pois eu me comprometi a cuidar dela, quando meu pai morreu.

Em 2008, prestei o Cursinho Alternativo de Unesp de Marília (CAUM) e passei nessa universidade pública em 2009, na qual optei por fazer o curso de Arquivologia, um curso novo naquele momento. Em quatro anos me tornei Bacharela em Arquivologia. Ao terminar, ingressei no curso de Biblioteonomia, a fim de descobrir a diferença entre essas duas subáreas da Ciência da Informação (CI). Desde 2011 trabalho sob a coordenação da Professora Maria José Vicentini Jorente, com bolsa do LADRI, onde aprendi estruturar pesquisas e elaboração de projetos. Em 2013, iniciamos o Projeto de descrição e digitalização do acervo do Paleontólogo Willian Roberto Nava e do Museu de Paleontologia de Marília. Esse trabalho despertou meu amor pela descrição e pelos diferentes olhares para as áreas e as perspectivas da representação da informação na CI.

Fui integrante, colaboradora e, posteriormente, voluntária do

grupo LADRI, quando tive a oportunidade de participar de outros projetos, tais como a organização, identificação e higienização do acervo do museu Histórico e Pedagógico de Marília, a organização e descrição do acervo do Museu Histórico da Unesp. No LADRI trabalhei com os softwares Acess to Memory (AtoM) e o Archivematica, ministrei oficinas de descrição, de representação e de preservação digital de acervo museológico nesses ambientes. Também experimentei pelo período de um ano a coordenação discente do laboratório. Fui bolsista CAPES no programa de pós-graduação da Unesp; no ano de 2018, me tornei mestre em Ciência da Informação e, em 2019, Bacharela em Biblioteconomia.

Nos últimos 10 anos, portanto, minhas pesquisas voltaram-se para a representação e o acesso à informação: na Arquivologia, "Um estudo sobre o Twitter em Arquivos Permanentes"; no Mestrado em CI, "O redesign do sistema Acess to Memory (AtoM) para a curadoria digital de acervos museológicos heterogêneos"; e na Biblioteconomia, "Modelos conceituais de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia no desenvolvimento de normas e padrões para a representação da informação no ambiente digital".

Minha experiência na área da CI versa nas intersecções entre a Biblioteconomia a Arquivologia e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no contexto da Web 2.0 e nela, o Design da Informação para os Ambientes Digitais, e a Representação da Informação, com ênfase no Acesso à Informação e na Curadoria Digital.

Nandia Letícia Freitas Rodrigues

Eu, Nandia, sou uma mulher negra, nordestina, nascida no pequeno povoado de Mandiroba, um distrito do município de Sebastião Laranjeiras, situado no interior do sudoeste da Bahia. Sou bacharela em Biblioteconomia, graduanda em Arquivologia, Mestre em Ciência da Informação no programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) campus de Marilia, e membro/colaboradora do Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI).

Sou filha de um casal de lavradores igualmente nordestinos, do senhor Fernando Rodrigues Freitas e de dona Sildete de Freitas, que com muito esforço, luta e humildade me criaram e aos meus 4 irmãos; Andreiza, Romário, Fernando e Fernanda.

Deixei a Bahia e vim para a cidade de São Paulo assim que terminei o Ensino Médio, em meados do ano de 2011. Vim para as terras paulistanas em busca de trabalho e melhores condições de vida para mim e para a minha família, ao levar em conta, principalmente, que a oferta de trabalho na minha cidade natal é muito escassa. Em São Paulo, trabalhava a tarde e a noite e no período da manhã, estudava em um cursinho pré-vestibular no qual havia conseguido ingressar com uma bolsa de 100%.

Em 2012, prestei o ENEM almejando vaga na UFSCar e o vestibular da Unesp. Como passei na Unesp, ainda na primeira chamada, ali me matriculei, na minha primeira opção, o curso de Biblioteconomia.

A escolha do curso se deu por uma série de motivos: o mais relevante, é que sempre fui apaixonada por bibliotecas. Lembro-me que, quando criança sempre que saía da aula ia direto para a biblioteca da minha escola; era o meu lugar preferido no mundo! Perdia a noção do tempo em meio aos livros - motivo que sempre gerava muitas broncas em casa quando chegava atrasada para o almoço. A Biblioteca era muito precária, composta somente por três pequenas estantes de aço e um punhado de livros (poucos, bem poucos mesmo!) organizados em uma salinha muito simples e que ficava numa casa próxima à escola. Lá, eu passava horas e horas debulhando os gibis e os livros: O Pequeno Príncipe, O Ganso de Ouro dos Irmãos Grimm, Menina Bonita do Laço de Fita, Tampinha e tantos outros. Devo ter lido todos os livros daquele espaço; e eu sempre queria mais.

O tempo passou, e quando chegou o momento de fazer o tes-

te vocacional, no período de pré-vestibular, me foi apresentado o curso de Biblioteconomia. Até então eu sequer sabia da existência do curso. Na hora me perguntei: “Biblioquê? “Como assim? tem um curso para ser bibliotecária?”. E pronto! Ali já estava definida qual seria a minha graduação! Eu seria Bibliotecária!

Ao finalizar o curso de Biblioteconomia prestei o de Arquivologia. Fui Bolsista da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) durante as duas graduações. Em Biblioteconomia, meu projeto se intitulava “Comunicação museológica: uma análise nos websites de Museus Afro Brasileiros”; e na Arquivologia, “O Design da Informação e a Web 2.0 no resgate e compartilhamento da história e cultura afro-brasileira.

No Laboratório de Design e Recuperação da Informação, LADRI, participei de vários projetos, tais como o de descrição e digitalização do acervo do Paleontólogo William Roberto Nava e do Museu de Paleontologia de Marília; o de organização, identificação e higienização do acervo do museu Histórico e Pedagógico de Marília. Atuei na descrição, revisão e organização do acervo da FFC/Unesp.

Em 2019, fui aprovada para a realização do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciencia da Informação (PPGCI) no qual fui bolsista CAPES.

Atuo, assim, na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia; pesquiso, principalmente, temas relacionados a Web 2.0 e ao Design da Informação nos ambientes digitais de informação, Linguagem Visual, Curadoria Digital e Cultura Afro e de Informação em Saúde.

Gabriela de Oliveira Souza

Meu nome é Gabriela, sou bibliotecária e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Unesp de Marília. Eu morava na cidade de Barueri e vim para Marília junto com meus pais. Eles sempre quiseram se mudar para o interior, mas não o fizeram por cuidados com os meus estudos, já que a educação pública de Barueri é muito boa; algo difícil de se encontrar, e a educação particular não seria uma opção.

Logo que decidi que faria uma faculdade, eles me deram todo o apoio e me disseram que estaríamos juntos; sou muito grata a eles por tudo, não teria chegado onde cheguei sem eles.

Pensei em vários cursos, mas não tinha certeza de nada até que minha mãe comentou que tinha ouvido falar sobre um curso que parecia interessante, Biblioteconomia; por isso serei eternamente grata a ela.

Ao procurar mais sobre o curso me apaixonei logo de início. Na realidade, era a primeira vez que tinha absoluta certeza do que queria fazer; era a única profissão em que conseguia me imaginar trabalhando pelo resto da vida. No entanto, mesmo com essa certeza, não parei de procurar informações sobre o curso, o que me fez gostar mais da área e escolher a Universidade Estadual Paulista (Unesp) como primeira opção. Prestei o vestibulinho para o cursinho pré-vestibular gratuito da minha cidade e passei entre os primeiros lugares. Passei, também, entre os primeiros lugares na Unesp, minha opção desde o início.

Comecei no LADRI (Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação) no primeiro ano de curso, quando após uma atividade, que consistia na escrita de um texto para a disciplina de História da Cultura, fui convidada pela professora Maria José V. Jorente a conhecê-lo. Desde então, não saí mais do grupo, e o que aprendi, e ainda aprendo todos os dias será de extrema importância para minha formação acadêmica e profissional. Sei que não conheceria tudo isso se não participasse do laboratório; sou muito grata à Professora Maria José V. Jorente e aos demais integrantes do grupo. A Biblioteconomia me encantou muito, assim como a Ciência da Informação de forma geral.

Minha atuação no grupo de pesquisa tem sido voltada, principalmente, ao projeto de descrição do Acervo Museológico da FCC. Comecei aprendendo a descrever peças museológicas com Lucinéia da Silva Batista. Depois percebi a necessidade de uma maior padronização na descrição das peças e criei alguns modelos para a descrição

das características dos objetos, partindo de grupos específicos e de características em comum. Também atuei na revisão minuciosa das descrições, aplicando em todas as peças os modelos criados. Participei da construção de um vocabulário controlado baseado em tesauros específicos para museus já existentes, com o objetivo de padronizar os pontos de acesso presentes nas descrições no AtoM.

Durante a graduação, fui bolsita Fapesp com um projeto intitulado “O Design da Informação na Curadoria Digital: Catalogação colaborativa de acervo por meio de linguagem natural e Folksonomia” e com o qual busquei demonstrar por meio da experiência da British Library (BL) na plataforma Flickr que a Folksonomia é uma importante ferramenta de Design da Informação (DI) para a Curadoria Digital (CD). A estratégia da BL pode aproximar os sujeitos informacionais ao profissional da informação e tornar mais próximos da linguagem natural os processos biblioteconômicos de recuperação da informação, ou seja, a indexação, a construção de vocabulários controlados, de tesauros e de taxonomias, para garantir o acesso a informação e sua melhor recuperação nos ambientes digitais da web. Hoje, sou bolsista Fapesp de mestrado, com o projeto “A Folksonomia como elemento de preservação na Curadoria Digital: um estudo de caso do Museu da Pessoa”, uma continuação do meu projeto da graduação. Neste estudo busco demonstrar que a Folksonomia funciona como elemento de preservação na CD e não apenas de acesso, além de propor o uso da Folksonomia no Museu da Pessoa, que é um museu de histórias de vida, virtual e colaborativo.

Stephanie Cerqueira Silva

Sou a Stephanie, tenho 27 anos, e sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Marília. Sou Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Universidade Paulista (Unip), e graduanda em Biblioteconomia na Unesp/Marília.

Cresci em uma cidade chamada São Manuel, no interior de São Paulo; uma cidade pequena, mas com seus encantos. Nela, percorri todo meu período escolar sempre em escolas públicas municipais e estaduais. Quando estava no Ensino Médio (ETEC/São Manuel), no qual estudava no período da manhã, também fazia um Técnico em Marketing (ETEC/Botucatu), no período noturno. Tal curso despertou meu interesse pela área de comunicação e, assim, cursei Publicidade e Propaganda. Desde então, trabalho na área do design gráfico e comunicação.

Todo esse percurso foi essencial para meu aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Porém, sentia que precisava vincular meus conhecimentos com outra área. Comecei pesquisar sobre a Biblioteconomia e me interessou; fiz o vestibular em 2016 e em 2017 iniciei o curso. Minha vida deu uma reviravolta, me mudei para Marília com meu amigo querido e especial, o Túlio, que, além de ser da minha cidade, cursou Biblioteconomia comigo.

Logo no primeiro semestre conheci a Professora Maria José Vicentini Jorente que me apresentou o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri) e o projeto do Acervo Museológico da Unesp, no qual me interessei e comecei a fazer parte. No início, participei de oficinas de descrições e do AtoM, com o propósito de aprender e compreender o processo que estava em desenvolvimento naquele momento. Assim, descrevi os objetos religiosos do acervo, e auxiliei na organização da reserva técnica, juntamente com meus colegas.

Posteriormente, houve a necessidade do registro fotográfico dos objetos para uma melhor organização, apresentação, representação e preservação da informação. Essa etapa foi longa, pois o acervo é composto por, aproximadamente, 500 itens inventariados; com necessidade de captura imagética de cada item, seguido da edição digital - alinhar os tamanhos e exportar os arquivos no formato suportado no Archivematica. Por outro lado, foi uma etapa muito interessante e gratificante, pela aproximação e contato com cada objeto do acervo.

Feita essa etapa, executei o upload dos registros fotográficos para o Archivematica, software de preservação digital interoperável com o AtoM, para que a convergência informacional fosse realizada.

Além dessas tarefas, auxiliei no processo de criação de vocabulário controlado para os pontos de acesso de assunto, para melhorias da recuperação da informação. Sempre estive presente na organização dos inventários e na padronização dos elementos a serem descritos. Todos os processos que se encaixam em organização, administração e padronização me interessam muito, pois são essenciais para o processo da infocomunicação.

O aprendizado coletivo que o Ladri me ofereceu, e me oferece, tem sido fundamental para a minha construção: tem contribuído para o meu relacionamento interpessoal, de trabalho e aprendizado em equipe. Todo o suporte oferecido pelo grupo tornou mais claro o meu trabalho e abriu portas para a minha pesquisa. Pelo Ladri, apresentei meus primeiros trabalhos em eventos acadêmicos e fui bolsista PROEX.

Sou muito grata por participar do grupo e fazer parte desse projeto. Aprender e compartilhar nossos conhecimentos coletivamente são importantes para que mais projetos como o nosso possam ser desenvolvidos. Ver os resultados do projeto é muito satisfatório.

Isabelle Ribeiro Ornelas C. Lima

Meu nome é Isabelle, tenho 25 anos, sou graduanda do curso de Biblioteconomia na Universidade Estadual Paulista (Unesp) Marília. Sou da agitada capital de São Paulo e sempre quis viajar e morar sozinha. Então, quando surgiu a oportunidade de vir estudar em Marília, não pensei duas vezes e aqui estou. Vim de uma família grande que me fez desde pequena aprender a dividir, a trabalhar em grupo, a resolver conflitos em conjunto e isso, mais tarde, me ajudou a me encaixar no grupo do Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI).

Minha familia sempre teve uma veia artística: minha avó materna é costureira e minha avó paterna é pintora. Além disso, minha mãe é ótima com artesanto e afins. Minhas irmãs assim, como eu, herdamos essa paixão pelo meio artístico também. Uma fez curso técnico em Design de Interiores e a outra cursa uma faculdade de Audiovisual.

Por causa do incentivo e o contato com esse meio, durante o Ensino Médio, resolvi ir para a área do design. Fiz um curso de Formação Básica em Fotografia no Senac Tatuapé e depois um curso técnico em Comunicação Visual na Escola Técnica Estadual (ETEC) da Tiquatira. Através do curso técnico consegui um estágio em uma empresa de desgin e trabalhei lá por um tempo. Além de trabalhar como uma fotógrafa freelancer. Durante os estudos em um curso pré-vestibular para ingressar em uma faculdade na área do design, uma amiga me apresentou o curso de Biblioteconomia. Achei interessante e pesquisei mais sobre o curso e resolvi que seria minha segunda opção no vestibular da Unesp e noutros vestibulares, caso eu não passasse em Design Gráfico. Não preciso falar que vim para a Biblioteconomia, mas passo dizer que foi melhor do que o planejado.

No início da graduação conheci a Professora Maria José Vicentini Jorente e ela me apresentou o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI) e logo me interessei pelo projeto do Museu que consistia na organização e registro digital do acervo museológico da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Aprendi a descrever peças museológicas e como utilizar o AtoM (Acess to Memory). Diferente dos meus colegas, a parte que mais me chamou atenção foi como seria feito o processo do registro fotográfico das peças para uma melhor representação e recuperação. Então, pesquisei materiais e métodos para ajudar a fotografar as peças

do museu; depois de muito pesquisa realizamos a compra dos materiais necessários e o LADRI conseguiu montar um mini estúdio fotográfico.

O processo foi longo e lento, pois o museu possui uma coleção de mais de 500 peças. Fizemos registros imagéticos de todas as peças de quatro formas para possíbilitar a visualização de vários ângulos: frente, lado direito, verso e lado esquerdo. Após essa primeira etapa, passamos os registros imagéticos já pós-editados para o Archivematica, um software que trabalha junto com o AtoM para a recuperação da informação.

Desde o início realizei as atividades do laboratório e museu como voluntária. Sempre achei o trabalho que realizamos nele importante, contribuindo assim para minha formação. Embora eu esteja na área da Ciência da Informação, sempre tento utilizar meus conhecimentos de Design Gráfico no LADRI e na faculdade. Acredito que a realização deste livro é a prova que as duas áreas se completam e fico muito feliz de estar participando deste projeto.

Agradeço a Professora Maria José por sempre nos incentivar e acreditar em nosso potencial como pesquisadores e também pela a oportunidade de particpar do grupo, assim como, aos integrantes do LADRI que têm apoiado minhas decisões e sempre têm estado do meu lado.

Simão Marcos Apocalypse

Meu nome é Simão Marcos Apocalypse, tenho 24 anos. Sou bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp - Marília) e, atualmente, curso Mestrado em Ciência da Informação, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da (Unesp - Marília). Minha cidade de origem, a pequena Socorro, localizada no interior de São Paulo, tem pouco mais de 30 mil habitantes. Lá vivi a minha infância e adolescência junto a minha irmã gêmea, Sara. Fomos criados em um bairro da zona rural, desde muito jovens trabalhando com nossos pais, agricultores.

Estudei o Ensino Primário, Fundamental e Médio em uma escola Estadual próxima ao sítio em que residia. Ao ingressar no primeiro ano do Ensino Médio, passei a trabalhar em período integral e a estudar de noite. Ao me entender como homossexual, vindo de uma família tradicional e conservadora, vivenciei um processo de amadurecimento que influenciou de modo pontual as escolhas mais importantes durante minha trajetória de vida. Dentre elas, ainda que muito jovem, a saída da casa dos meus pais rumo à independência, sempre acompanhado pela minha irmã e companheira, Sara.

No último ano do Ensino Médio, assim como boa parte dos alunos de escolas públicas, não sabia da possibilidade de estudar em uma universidade pública e, muito menos, qual curso seguir. Estava um pouco perdido até conhecer uma professora de filosofia que me indicou a leitura do livro A história da sexualidade de Michel Foucault. Percebi, ali, um caminho para o autoconhecimento e optei por cursar Filosofia na Unesp. Assim, me mudei para Marília em 2015, aberto a conhecer outros cursos e explorar outras possibilidades.

Após dois anos na Filosofia, com interesses de pesquisa voltados à informação LGBTQ+, tive contato com colegas que cursavam Biblioteconomia e com pesquisadores da Ciência da Informação; descobri um campo fertil. Conheci a grade do curso de Biblioteconomia e gostei muito; conversei com amigos que estavam em diferentes etapas e vi que esse curso seria a melhor opção.

Em 2017 iniciei a graduação em Biblioteconomia e, no primeiro ano, conheci a professora Maria José Vicentini Jorente que me apresentou o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI), seus membros e as atividades de pesquisa e extensão; me apaixonei pela pesquisa. No primeiro ano do LADRI

desenvolvi um projeto e me tornei pesquisador bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), trabalhando as intersecções entre a Ciência da Informação, Design da Informação, Curadoria Digital e Informação LGBTQ+, principais temas de interesse em meus estudos.

Em paralelo, tive contato direto com o projeto de extensão piloto desenvolvido pelo grupo: a coleção de itens museológicos da FFC/Marília. Me envolvi, também, com as atividades de curadoria digital exercidas pelo grupo no processo de digitalização do acervo e, em específico, com as atividades de descrição dos itens no sistema AtoM. Essa experiência mostrou-se muito importante no meu processo de amadurecimento enquanto pesquisador. A cada dificuldade, novos estudos foram desenvolvidos e contribuíram para minha formação e para o desenvolvimento de competências essenciais aos profissionais da informação, na contemporaneidade.

O contato com os demais integrantes do grupo e o caráter social dos projetos desenvolvidos tem sido muito significativos tanto para a minha construção pessoal quanto para a compreensão da importância das instituições públicas de ensino superior no Brasil. Os resultados obtidos são gratificantes e evidenciam a importância dos projetos de extensão que, embora com a escassez de recursos, ainda possibilitam uma formação de qualidade e oferecem significativas contribuições à sociedade.

Alexia Cristiane R. Dantas Matias

Meu nome é Alexia, sou aluna do terceiro ano do curso de Biblioteconomia na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Marília. Nasci em uma pequena cidade chamada Itapeva, no sudoeste paulista, onde há outro campus da Unesp, com os cursos de Engenharia Industrial Madeireira e Engenharia de Produção.

Concluí o Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Informática no Centro Paula Souza em Itapeva, onde aprendi conceitos importantes sobre tecnologias que hoje me auxiliam na faculdade. Meu projeto de pesquisa para o fim do curso de Informática, minha teve como tema a implantação do software de gestão de bibliotecas (BIBLIVRE) em uma escola de Ensino Fundamental, próxima a minha cidade.

A Unesp teve grande participação em meu desenvolvimento acadêmico, pois no terceiro ano do Ensino Médio iniciei um curso pré-vestibular gratuito por ela oferecido e para o qual era necessário a realização de uma prova. O cursinho, denominado Cuca Fresca. O período de duração do cursinho era de um ano, das sete da noite até às dez da noite. Com certeza a Escola Técnica (ETEC) e a Unesp são parte importante da minha história e do meu desenvolvimento acadêmico.

Prestei o vestibular para o curso de licenciatura em história, no campus da Unesp em Assis. Entretanto, não fui chamada; escolhi o curso de Biblioteconomia como segunda opção. Ao ser convocada mudei-me para Marília aos 17 anos com minha mãe e meu irmão.

No segundo ano de curso, fui apresentada ao Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (LADRI) por uma amiga, Gabriela de Oliveira Souza e passei a frequentar, no inicio como voluntária e auxiliar os trabalhos nas descrições e inserção de peças no software AtoM de descrição arquivística.

No LADRI a descrição das peças é feita seguindo um modelo aprimorado por Gabriela, de acordo com vocabulários controlados de descrições de outros acervos. No processo, são observados detalhes das peças, tais como, dimensões, cores e marcas, e outras informações que possam ser adicionadas, como um breve histórico da peça. Essas informações auxiliam ao internauta e o sistema na identificação da peça.

Sou bolsista da Professora Maria José V. Jorente em seu projeto universal CNPq: "Kaingang e Krenak de Arco Íris", que tem como

objetivo a criação de um ambiente digital para preservação e acesso informações históricas dos povos Kaingang da região. Paralelo ao projeto, pesquiso também sobre a utilização de imagens dinâmicas como recursos audiovisuais em unidades de informação, para que assim o acesso ao conteúdo possa ser feito de forma remota e possa se levar informação ao maior número de internautas possível. Nesses dois anos em Marília, além de estar cursando Biblioteconomia, realizei o curso de "Design de Jogos utilizando Jogos Analógicos", com o intuito de aprender e de aplicar esses conhecimentos à Biblioteconomia, com o mesmo intuito o curso de "Gerenciamento de sites web".

Em 2018, no segundo ano de Biblioteconomia, prestei uma prova para um estágio na Biblioteca Municipal e passei. Lá pude observar o trabalho do profissional na prática, o que me ajudou a ter uma nova perspectiva do curso: a importância do empenho do profissional em disseminar informação; o poder de utilizar os aprendizados não só da sala de aula mas também do LADRI para facilitar o acesso a informação. Isso é gratificante!

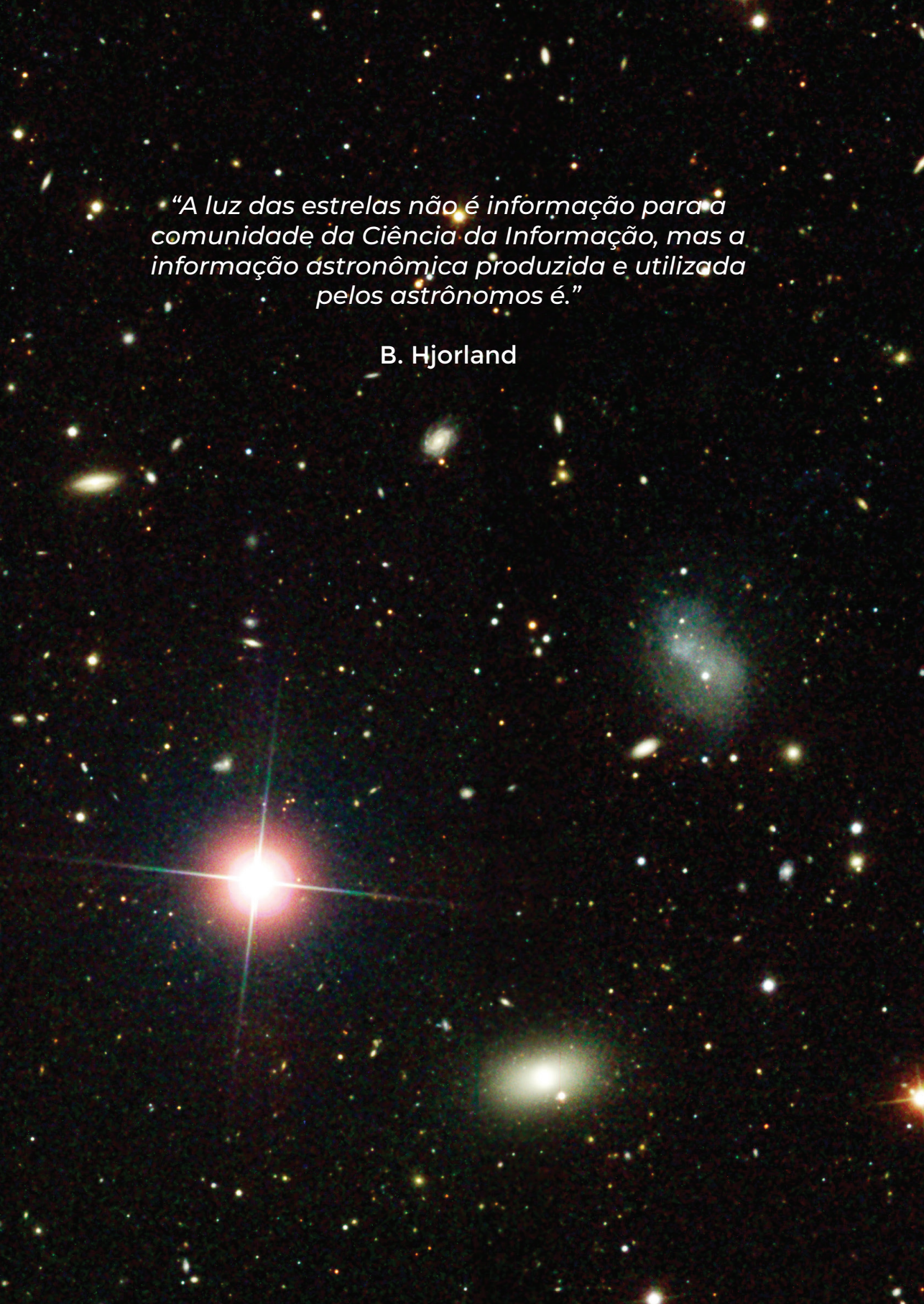
Se a Biblioteconomia não era minha primeira opção de curso e vim para Marília sem saber o que esperar dele, agora, percebo que todas as etapas até aqui foram importantes e me ajudaram a me encontrar como profissional a descobrir o que realmente queria: quero compartilhar e facilitar o acesso à informação; quero saber que tive alguma participação, mesmo que mínima, na construção da história de uma pessoa, assim como a Unesp e o LADRI tiveram na construção da minha.

Bruna Simões de Lima

Meu nome é Bruna, tenho 22 anos e sou estudante de Biblioteconomia na Unesp de Marília. Nasci e cresci na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

Aos 13 anos de idade, iniciei o curso de Informática Profissionalizante. Não imaginava como ele me ajudaria futuramente. Com 14 anos, comecei a fazer teatro e aprendi como me expressar melhor. Eu adoro o drama, mas nada me encanta mais do que a comédia; então, comecei a fazer apresentações de Stand Up em minha escola do Ensino Médio e a promover saraus com apresentações teatrais.

Fiz uma pausa com o teatro e aos 15 anos comecei o curso de Auxiliar Administrativo. Cursei por um ano e depois iniciei meu primeiro trabalho e quando completei 16 anos, consegui uma vaga na multinacional Robert Bosch, como jovem aprendiz. Trabalhei no setor da diretoria e executava funções de estagiária. No instituto havia um programa de voluntários em que me inscrevi; assim, aos sábados trabalhava no Lar Campinense contando histórias e desenvolvendo atividades com as crianças. Tanto no trabalho administrativo, quanto no voluntariado, adquiri conhecimentos valiosos que levo sempre comigo.

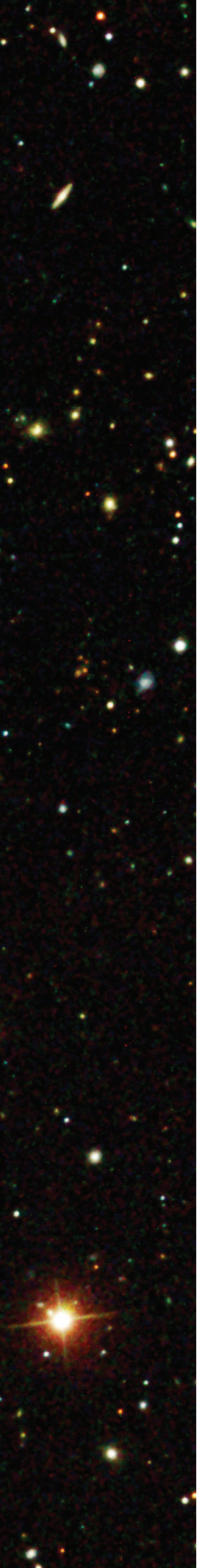
Desde 2014 queria cursar Biblioteconomia e em 2016 me dediquei a estudar em um cursinho popular. Tive a oportunidade de conversar com profissionais da área da Biblioteconomia em uma feira de profissões e, novamente, tal encontro me inspirou muito na escolha do curso: dar acesso à informação e propiciar suportes e dinamicas para a potencialização do conhecimento em prol da sociedade e da cultura.

No meu primeiro ano cursando Biblioteconomia tive aulas com a Professora Maria José V. Jorente, que ministrava a disciplina de História da Cultura. Em uma das suas aulas fui convidada junto àlguns amigos para conhecer melhor o Laboratório de Pesquisa em Design e recuperação da Informação (LADRI): foi uma grande realização ter encontrado, logo no inicio da graduação, uma área com a qual me identifiquei.

No projeto piloto que visava a organização e registro digital do acervo museológico da Faculdade de Filosofia e Ciencias (FFC), se iniciou o processo de descrição de cada item do acervo, uma atividade com os objetos musealizados, que carregam um valor cultural enorme. Foi uma atividade muito gratificante, ainda mais com uma equipe que se apoia mutuamente e cresce junto. No segundo ano da faculdade me foi

designada a primeira pesquisa científica PIBIC, orientada pela Professora Jorente, quando tive a oportunidade de conhecer o Design da Informação e a Curadoria Digital, dando seguimento ao trabalho de uma bolsista anterior envolvida no projeto da professora sobre ambientes informacionais digitais para apoio às famílias com crianças portadoras de condições de saúde relacionadas á microcefalia causada pelo contato das mães com o Zica vírus. A partir desse projeto pude desenvolver apresentações em eventos científicos e aprender mais sobre a necessidade de utilizar recursos informacionais como facilitadores no entendimento de uma mensagem.

O LADRI se tornou minha família em Marília, me vi cercada de pessoas que se ajudam e visam o crescimento do grupo como um todo. Nossa orientadora nos direciona com ideias que promovem o nosso crescimento e que contribuem para que os registros da informação do acervo trabalhado sejam acessíveis.

“A luz das estrelas não é informação para a comunidade da Ciência da Informação, mas a informação astronômica produzida e utilizada pelos astrônomos é.”

B. Hjorland

O SISTEMA DE DOCUMENTAÇÃO NOS MUSEUS

O sistema de documentação nos museus norteia o desempenho das atividades cotidianas, auxilia o processo de gestão e o controle do acervo museológico: a documentação produzida constitui-se em um instrumento de informação e comunicação necessário e indispensável, pois possibilita a preservação e o acesso aos objetos na instituição museológica. A existência de objetos no museu sem a devida documentação tornaria estes espaços meros armazéns de objetos desprovidos de significações e contexto histórico.

Nesse cenário, a criação de uma documentação é necessária para musealizar os objetos que adentram a coleção. Sem essa ação, o objeto não se caracterizará como um objeto de museu, pois somente por meio da atribuição de um valor documental é que se válida a sua incorporação ao acervo museal. A documentação museológica também torna possível recuperar as informações sobre os objetos já musealizados. Além disso, oferece suporte às ações de organização, preservação, segurança, controle, acesso uso e reuso, auxilia na montagem das exposições e funciona como testemunho jurídico e histórico. Para tanto, um objeto, ao adentrar no contexto museológico, passa por um tratamento documental para a identificação, a extração e o registro das informações que o representarão dentro do acervo.

O tratamento de extração de dados dos objetos gera documentação referente a cada item musealizado e, por conseguinte, ao acervo da instituição e a documentação museológica amplia o potencial do objeto museal no que se refere à geração do conhecimento. Prática muito antiga, a documentação passou por significativas modificações ao longo do tempo. Inicialmente, referia-se, meramente, aos registros primários dos itens, que asseguravam a sua posse, controle e

salvaguarda pela instituição. Não existiam normas ou parâmetros pré-estabelecidos que norteassem o desempenhar dessa atividade. Porém, com o tempo, o panorama, gradualmente, se modificou.

Contemporaneamente, no processo de tratamento documental, a extração dos dados representativos de cada item do acervo do museu deve ser baseada em estruturas técnicas especializadas, de acordo com um conjunto de padrões, normas e convenções que orientam o processo descritivo dos objetos. Nele evidenciam-se características intrínsecas e extrínsecas ao objeto, por meio da descrição dos itens em uma ficha catalográfica, que deverá considerar toda a sua trajetória de vida (desde a sua existência anterior a adentrar o museu, até a sua ressignificação ao ser incorporado no novo contexto).

Além disso, as informações sobre os objetos musealizados devem ser constantemente atualizadas, a cada nova ocorrência, tais como exposições, empréstimo, transferência, pesquisas e intervenções de conservação e restauro. Cada objeto é único dentro de uma coleção e é, por meio da descrição completa e exaustiva das informações referentes a cada item, que se torna possível a sua individualização dentro do acervo. A sua descrição deve destacar aspectos fisicos, de mediação, de marcação, de manipulação, de forma de registro de imagens e de contabilização nas coleções.

A partir da Oficina Internacional de Museus (OIM), em 1927, observaram-se as primeiras iniciativas de padronização no âmbito da documentação museológica com a recomendação da utilização de etiquetas e fichas catalográficas para o intercâmbio de obras. No entanto, somente depois de 1946, com a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e, posteriormente, em 1950, com a criação do Comitê

Internacional de Documentação (CIDOC) pelo ICOM é que se verificou o estabelecimento de uma padronização da documentação de diferentes tipologias de acervos.

Na primeira metade da década de 1960, com modelos de padronização projetados pela bibliotecária Yvonne Oddon, o CIDOC consolidou a padronização e compatibilidade dos registros dos acervos, com recomendações de utilização pelos museus de fichas catalográficas, etiquetas-padrão de identificação dos objetos e inventários. Na segunda metade de 1960, se iniciaram discussões sobre a adoção de técnicas e sistemas para tratar a documentação museológica. A informatização da documentação museológica deu início a uma nova era, ao assumir os museus como fontes de informação e pesquisa.

Com relação ao registro documental, no período entre 1993 e 1995, se desenvolveu e se publicou um modelo descritivo com diretrizes internacionais. O modelo era composto por 22 grupos de informações básicas, cada um contendo uma ou mais categorias, com base em experiências e discussões realizadas em anos anteriores durante fóruns e reuniões com os membros e grupos de trabalhos do CIDOC.

No novo contexto, viram-se na informática possibilidades de solucionar problemas de organização de dados, de controle, de segurança, de recuperação e de acesso à informação. A informática também pôde otimizar as funcionalidades das atividades administrativas da instituição a partir da implementação de sistemas de documentação; a adoção dos bancos de dados para o registro informatizado, gerenciamento e divulgação dos acervos se tornou uma prática frequente.

Quadro 1 - Diretrizes de informação sobre objetos de museus (CIDOC)

Grupos de informação das Diretrizes	Categorias de cada grupo
1 - Informação de aquisição	Meio de aquisição Data da aquisição Fonte de aquisição
2 - Informação sobre a condição	Condição Resumo da condição Data da condição
3 - Informação de transferência e eliminação	Data da transferência Data da eliminação Método de eliminação Destinatário de eliminação
4 - Informação de descrição	Descrição física Status da amostra Tipo de imagem
5 - Informação da imagem	Tipo de imagem Número de referência da imagem
6 - Informação da Instituição	Nome da Instituição Nome da subdivisão da Instituição Endereço da Instituição País da Instituição
7 - Informação da localização	Localização atual Tipo de localização atual Data da localização atual Localização normal
8 - Informação de inscrição e marca	Texto da inscrição/marca Tipo de inscrição/marca Descrição de inscrição/marca Técnica de inscrição de inscrição/marca Posição de inscrição/marca Linguagem da inscrição/marca Tradução da inscrição/marca

9 - Informação de material e técnica	Material Técnica Descrição da parte ou componente
10 - Informação de medidas	Dimensão Medida Medida unitária Parte medida
11 - Informação de objeto associado	Lugar associado Data associada Nome da pessoa/grupo associado Tipo de associação Função original
12 - Informação da coleta dos objetos	Lugar da coleta Data da coleta Coletor Método de coleta
13 - Informação da entrada do objeto	Proprietário atual Depositante Data de entrada Número de entrada Razão de entrada
14 - Informação do nome do objeto	Nome do objeto Tipo de nome do objeto Autoridade do nome do objeto
15 - Informação do número do objeto	Número do objeto Tipo de número do objeto Data do número do objeto
16 - Informação da produção do objeto	Lugar de produção Data de produção Nome da pessoa/grupo de produção Regras de produção
17 - Informação do título do objeto	Título Tipo de título Tradução do título

18 - Informação do componente e parte	Número de partes ou componentes Descrição de partes e c omponentes
19 - Informação de registro	Arquivista Data do registro Autoridade
20 - Informação de referência	Referência Tipo de referência
21 - Informação de direitos de reprodução	Nota de direito de reprodução Proprietário do direito da reprodução
22 - Informação resumida do assunto- uso controlado de termos	Assunto representado Descrição do assunto representado

A museologia engendrada no contexto dos avanços tecnológicos se defrontou com uma nova problemática a ser solucionada pelas instituições museológicas no seu movimento em direção à promoção do acesso à suas coleções. Tornou-se urgente a necessidade da adoção de softwares específicos que atendessem a complexidade dos acervos, e que também seguissem padrões para realização do tratamento descritivo de objetos museais. Assim, assumiu novas perspectivas na digito virtualidade e na adoção de espaços híbridos para o compartilhamento de informação dos acervos museológicos.

No entanto, na contemporaneidade, evidencia-se, ainda, a preocupação latente com os novos desafios da gestão dos acervos de museus e as questões da documentação museológica, suscitados pelo uso crescente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Se evidência, também, a recorrente necessidade do desenvolvimento e aprimoramento de instrumentos, metodologias, sistemas e softwares especializados para a organização, preservação e acesso da

informação na era digital.

Observa-se que as TIC são recursos com grande potencial agregador/integrador na gestão museológica, sobretudo se inseridas junto à área de documentação da instituição. A sua incorporação aos procedimentos da documentação museológica potencializa o desenvolvimento de soluções práticas para possíveis problemas no gerenciamento das coleções, especialmente no que tange ao desenvolvimento de sistemas integrados de gestão de acervo. Todavia, para que essa integração ocorra com eficiência e eficácia, é necessário que as equipes interdisciplinares envolvidas no processo (tanto de profissionais da tecnologia quanto dos profissionais da informação) tenham amplo conhecimento sobre as coleções do museu e suas composições; sobre os públicos potenciais e suas necessidade e hábitos de buscas de informação; que seus membros dialoguem entre si; e, assim, desenvolvam sistemas mais flexíveis e dinâmicos para otimizar a produção, a representação e o compartilhamento da informação nesses sistemas, convergidos e interoperáveis.

Nesta perspectiva, a Ciência da Informação (CI), nos últimos anos, ao voltar-se às questões em torno da preservação e do acesso, tem discutido estratégias e métodos para o armazenamento e a preservação, para os processos de digitalização de acervos e para as novas formas de organizar e disponibilizar informação em sistemas digitais. Desafios que vão além de suas subáreas - a arquivologia, a biblioteconomia - e a museologia, ao demandar a atuação interdisciplinar nos ambientes de museus, bibliotecas e arquivos. Tais desafios exigem conhecimentos de profissionais de diversas áreas, como os da tecnologias da informação e os da gestão.

Tendo em vista que o setor de documentação no museu

é um setor de convergências com a arquivologia, observa-se que um software como o AtoM pode ser adaptado às necessidades do subsistema de documentação museológica: trata-se de um sistema de representação da informação documental por meio de descrição arquivística. Foi criado para promover ambientes de acesso baseado em normas internacionais e desenvolvido com o suporte do International Council on Archives (ICA).

Gratuito, o AtoM conforma-se de acordo com as premissas de um software livre, com acesso via Web, multilíngue, multi-repositório, customizável, beta perpétuo, interoperável (com importação e exportação em Dublin Core, EAD, SKOS, EAC). Nele destacam-se as possibilidades de proporcionar uma descrição eficiente dos documentos e a facilidade de interoperabilidade com outros sistemas.

Ao propiciar a descrição de acervos memoriais, por meio da representação padronizada da informação, viabiliza o acesso e o compartilhamento dos dados e da informação. Como o AtoM possui modelos descritivos que permitem um tratamento descritivo amplo, exaustivo, padronizado e com base em normas internacionais, ele atende as diretrizes propostas pelo CIDOC para o tratamento documental nos museus.

O Estatuto Brasileiro de Museus enfatiza o caráter de patrimônio arquivístico desses registros ao tratar da obrigatoriedade das instituições museologicas quanto à documentação dos seus acervos para promover a preservação, a recuperação e o reuso da informação. Tendo em tela que a documentação produzida a partir do registro das informações contidas nos objetos é uma documentação arquivística, a aplicação de normas arquivísticas no tratamento documental para fins de preservação, custódia e normalização da documentação museológica é justificável e necessária. A documentação

derivada, embora não necessariamente administrativa e comprobatória, pode atingir um nível de proteção do acervo ao adotar processos de arquivamento digital já automatizados em soluções tecnológicas validadas pela Arquivologia.

Portanto, o software AtoM possibilita o registro informacional de objetos de museu de forma eficiente e eficaz para representar acervos de maneira satisfatória no ambiente digital. Além disso, apresenta muitas funcionalidades que o tornam flexível na sua adaptação ao contexto museológico para responder às possíveis emergências sistemicas, evidenciando a possibilidades de interdisciplinaridades entre o fazer arquivístico e museológico.

Endende-se, nesse contexto, que a aplicação do AtoM para a descrição de acervo museológico responde às questões básicas de representação da informação de acervos de memória, pois propicia a padronização dos metadados, a exaustividade das descrições, a compatibilidade, e a possível adequação dos elementos da diversidade compreendida nos objetos de museus aos também diversos campos descritivos.

Quadro 2 - Elementos descritivos do AtoM

Zonas	Elementos
Zona de identificação	Identificador Título Datas (tipo) Nível de descrição Adicionar níveis inferiores Sub-elementos (Identificador) Nível Título Datas do recurso relacionado

Zona de contexto	Nome de produtor (s) Entidade detentora História do arquivo Fonte imediata de aquisição ou transferência
Zona do conteúdo e estrutura	Âmbito e conteúdo Avaliação Seleção e eliminação Ingressos adicionais Sistema de organização
Zona de condições de acesso e utilização	Condições de acesso Condições de reprodução Idioma do material Script do material Notas ao idioma e script Características físicas e requisitos técnicos e instrumento de descrição
Zona de documentação associada	Existência e localização de originais Existência e localização de cópias Unidades de descrição relacionadas Notas de publicação
Zona das notas	Notas
Pontos de acesso	Assuntos Locais
Zona de controle da descrição	Identificador da descrição Identificador da instituição Regras e convenções Estatuto Nível de detalhe Data de criação Revisão e eliminação Línguas e escritas Script(s) Fontes e notas do arquivista
Zona de administração	Língua original Esquema padrão de exibição

Nessa tela, o paradigma vigente, considerado paradigma pós-custodial de acesso, amplia o paradigma anterior, de custódia, ao legitimá-lo. Porém, reforça que o acesso é tão importante quanto a preservação, tanto no ambiente físico quanto no digital. Nessa ampliação do paradigma custodial é possível utilizar um sistema de descrição como o que utilizamos, de maneira convergente ao de armazenamento e inventário. Converge com ele um sistema de preservação digital (o Archivematica), que prepara as imagens digitalizadas no tamanho aceitável pelo AtoM, além de preservar a informação a longo prazo.

Dessa maneira, se facilita a gestão do acervo, a manutenção dos objetos, os procedimentos de conservação e de restauração; e se possibilita, também, a classificação e a inserção de taxonomias que otimizem a identificação de objetos semelhantes e os processos de busca. É por meio de tais ações que as instituições museológicas são inseridas no paradigma pós-custodial ao cumprir com a missão do compartilhamento da informação na Web, acessada em qualquer tempo e lugar.

Maria José Vicentini Jorente
Lucinéia da Silva Batista
Nandia Letícia Freitas Rodrigues

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília

INVENTÁRIO - Bens Móveis existentes em julho de 2007
Localização: Centro de Documentação Histórica e Universitário de Marília-SP

TOTAL DE PEÇAS: 600

ITEM	cação no Patr	DISCRIMINAÇÃO	PROCEDÊNCIA	DATA Incorporação
1	H/1	Almofariz de bronze grande de haste - americano	Paulo Barros Camargo	28/12/1959
2	H/2	Almofariz de bronze - brasileiro	Idem	28/12/1959
3	H/3	Almofariz de bronze com frisos cinzenlados	Idem	28/12/1959
4	H/4	Almofariz de bronze	Idem	28/12/1959
5	H/5	Almofariz de bronze	Idem	28/12/1959
6	H/6	Almofariz de bronze - espanhol	Idem	28/12/1959
7	H/7	Almofariz de bronze	Idem	28/12/1959
8	H/8	Almofariz de bronze - português	Idem	28/12/1959
9	H/9	Candeia Seissentista - Século XVII, em cobre	Idem	28/12/1959
10	H/10	Candeia Seissentista - Século XVII de ferro	Idem	28/12/1959
11	H/11	Canjirão de cobre feito a mão	Idem	28/12/1959
12	H/12	Pichel de ferro pequeno	Idem	28/12/1959
13	H/13	Pichel de ferro pequeno	Idem	28/12/1959
14	H/14	Pichel grande de ferro ciclo tropeiro	Idem	28/12/1959
15	H/15	Balança pequena - século XIX	Idem	28/12/1959
16	H/16	Coleção de pesos e medidas - Ingês - 7 peças	Idem	28/12/1959
17	H/17	Candeeiro de um bico	Idem	28/12/1959
18	H/18	Candeeiro de dois bicos - século XIX	Idem	28/12/1959
19	H/19	Candeeiro de parede ou mesa em cobre e latão, com corrente	Idem	28/12/1959
20	H/20	Candeeiro de haste gigante de quatro bicos	Idem	28/12/1959
21	H/21	Candeeiro de quatro bicos com haste torneado	Idem	28/12/1959
22	H/22	Lanterna de mão - uso individual - de latão e cristal	Idem	28/12/1959
23	H/23	Imagem de barro cozido - São João Batista	Idem	28/12/1959
24	H/24	Pé de estribo com armas do Império	Idem	28/12/1959
25	H/25	Atril de madeira para missal	Idem	28/12/1959
26	H/26	Marimbau	Idem	28/12/1959
27	H/27	Castiçal de haste gigante com globo de vidro e de guarnição de metal	Idem	28/12/1959
28	H/28	Pé de estribo feito a mão	Idem	28/12/1959
29	H/29	Pé de estribo - metal amarelo	Idem	28/12/1959
30	H/30	Estribo de formato incomum	Idem	28/12/1959
31	H/31	Par de estribos de picaria com armas da República	Idem	28/12/1959
32	H/32	Par de estribo de picaria com alegoria à caça	Idem	28/12/1959
33	H/33	Ferro de engomar	Idem	28/12/1959
34	H/34	Ferro de engomar	Idem	28/12/1959
35	H/35	Ferro de engomar	Idem	28/12/1959
36	H/36	Ferro de engomar com tripé	Idem	28/12/1959
37	H/37	Ferro de passar roupa em bronze	Idem	28/12/1959
38	H/38	Ferro de passar roupa - de bronze e de cunha	Idem	28/12/1959
39	H/39	Coleção de oito pesos de bronze	Idem	28/12/1959
40	H/40	Imagem de madeira do Divino Espírito Santo	Idem	28/12/1959
41	H/41	Fechadura autêntica de arca seissentista	Idem	28/12/1959
42	H/42	Fechadura de porta do século XIX com chave	Idem	28/12/1959
43	H/43	Estufa para esquentar com ferro de engomar - com 7 peças	Idem	28/12/1959
44	H/44	Chaleira de cobre feita a mão com tampa no bico	Idem	28/12/1959
45	H/45	Par de castiçal de latão, base de cobre	Idem	28/12/1959
46	H/46	Castiçal de latão, estilo inglês - meados do século XVIII	Idem	28/12/1959
47	H/47	Castiçal miniatura em latão com dispositivo para suspender a vela	Idem	28/12/1959
48	H/48	Lamparina cilíndrica de cobre	Idem	28/12/1959
49	H/49	Lamparina de cobre, vale do Paraíba	Idem	28/12/1959
50	H/50	Lamparina de cobre, zona rural	Idem	28/12/1959
51	H/51	Par de caçambas para montaria em metal amarelo	Idem	28/12/1959
52	H/52	Caçamba pequena de cilião, metal amarelo	Idem	28/12/1959
53	H/53	Prato holandês de paisagem	Idem	28/12/1959
54	H/54	Prato holandês com paisagem	Idem	28/12/1959
55	H/55	Prato fundo azul bordado	Idem	28/12/1959
56	H/56	Prato inglês azul bordado	Idem	28/12/1959
57	H/57	Travessa azul pombinho	Idem	28/12/1959
58	H/58	Lamparina portátil de mão em cobre com tampa no bico	Idem	28/12/1959
59	H/59	Imagem de madeira - São João	Idem	28/12/1959
60	H/60	Imagem de madeira - São Joaquim	Idem	28/12/1959
61	H/61	Imagem de madeira - Santo de Bota	Idem	28/12/1959
62	H/62	Descalçador de botas em bronze - França	Idem	28/12/1959
63	H/63	Lampião de mesa de louça branca	Idem	28/12/1959
64	H/64	Castiçal miniatura em latão sem cabo , pequeno	Idem	31/12/1959
65	H/65	Castiçal de latão - tipo palmatória	Idem	31/12/1959
66	H/66	Castiçal de latão - tipo palmatória	Idem	31/12/1959
67	H/67	Castiçal miniatura de latão - tipo palmatória	Idem	31/12/1959
68	H/68	Revólver de quatro canos - marca Sharps - 1859	Idem	31/12/1959
69	H/69	Rifle (sobre baioneta)	Idem	31/12/1959

INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Os instrumentos de pesquisa são utilizados para descrever acervos completos, coleções ou itens documentais em unidades de informação arquivística. São ferramentas essenciais para elaboração de representação, divulgação, visibilidade, recuperação da informação, bem como para a encontrabilidade e o acesso aos documentos arquivísticos registrados nos mais diversos suportes. Os principais instrumentos de pesquisa utilizados em unidades de informação são: guias, inventários, catálogos e índices; cada um com suas especificidades e alcance.

São, portanto, em essência, criados a partir da atividade de descrição arquivística com o intuito de promover acesso, o compartilhamento e o controle do acervo documental de um arquivo. Instrumentos de pesquisa bem desenvolvidos informam e direcionam a busca da informação, aproximam o sujeito ao documento e facilitam o acesso à informação. Possibilitam a identificação, o rastreamento, a localização e a utilização de dados no arquivo, ao determinar quais são os documentos que compõem os acervos e fundos e apontar, com precisão, onde eles estão localizados.

A escolha dos instrumentos de pesquisa depende da política de descrição arquivística da instituição, bem como da relação de cada instrumento de pesquisa com os níveis de descrição. Ademais, os instrumentos de pesquisa desenvolvidos em um arquivo são definidos de acordo com o nível da representação descritiva pretendida, isto é, dependem, exclusivamente, da profundidade da descrição e dos níveis da classificação arquivística desejada.

De acordo os preceitos básicos da Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (ISAD (G)), a atividade de descrição arquivística deve ser realizada do geral para o particular e em diversos níveis de representação e

exaustividade. Representa-se, dessa maneira, o nível fundo (conjunto documental amplo), partes deste acervo (como séries e coleções específicas), e, inclusive, o nível de item documental; ou seja, a descrição dos elementos que compõem e representam o documento, ou o objeto, em si. A descrição no nível do item deve ser exaustiva, bem detalhada, e trazer uma representação completa e satisfatória. Pois a representação por meio da descrição é a ponte que interliga o objeto, ou documento, e o pesquisador.

Destinados, tanto à equipe de profissionais da informação que atua na unidade de informação, quanto aos que buscam a informação, os instrumentos de pesquisas são, geralmente, publicados em meios impressos e eletrônicos, com o intuito de proporcionar um maior e melhor acesso das pessoas às informações preservadas nos acervos e representadas nos sistemas informacionais.

O Guia é um instrumento de pesquisa relativamente simples, de caráter descritivo e espírito prático, com linguagem natural e abrangente. Trata-se do principal instrumento de divulgação e promoção da instituição arquivística; de fácil acesso ao público e, portanto, considerado como a porta de entrada das instituições. Ele permite um mapeamento panorâmico de todo o acervo, ao fornecer uma visão dos conjuntos documentais e serviços oferecidos pelo arquivo. Contém as informações básicas e necessárias para a encontrabilidade no arquivo ao dispor de informações gerais no sentido tópico (endereço, telefones, horário de atendimento e exigências para o ingresso na intituição).

O Guia pode conter, também, informações mais específicas sobre o acervo, tais como informações breves sobre fundos e coleções, formas de organização e condições de

BRASIL
FICO
SETE DE SETEMBRO
1822 ★ ★ 1922

acesso e serviços paralelos (de ordem prática - microfilmagem, encadernação, restauração, valores de serviços, etc, e os de ordem cultural, como informações sobre cursos, palestras, conferências, exposições, simpósios). É necessário que o Guia disponha, também, de um breve histórico da instituição e sua situação atualizada (sua posição na hierarquia governativa, jurisdição), e explique, brevemente, sobre o contexto de produção e proveniência do acervo. Assim, além de divulgar a instituição, os guias permitem que as pessoas planejem suas visitas a partir do acesso às informações prévias disponíveis sobre a instituição e seu funcionamento, os conjuntos documentais, os fundos e coleções salvaguardados e sobre as condições de consulta.

Os Inventários são instrumentos de pesquisas que se seguem ao Guia. Contudo, eles possuem um caráter mais técnico e voltado majoritariamente à pesquisa especializada. São instrumentos intermediários entre o Guia e o Catálogo, criados para descrever sumariamente fundos, coleções e séries documentais. Deste modo, os Inventários apresentam as seguintes informações: dados sobre a caracterização do tipo documental ou da função administrativa que originou a produção, as atividades de cada titular, as séries integrantes ao acervo, o volume de documentos ou unidades de arquivamento, as datas-limite e os critérios de classificação e de ordenação, e observações quanto ao arranjo, quando houver.

O Inventário é um dos mais importantes instrumentos de pesquisa em um Arquivo, tendo em vista que, ao descrever os fundos e as séries documentais, permite pleno acesso aos documentos. Informa ao pesquisador sobre a existência do documento buscado e apontar a sua exata localização no acervo. É um instrumento imprescindível para a gestão

de um acervo, pois possibilita uma visão global dos fundos: traz, primeiramente, uma descrição sumária de um, ou mais conjuntos e, posteriormente, uma descrição mais específica do conteúdo de cada série, o que permite ao pesquisador, um prévio conhecimento dos conteúdos dos acervos.

Nos contexto dos Arquivos, os Catálogos e Índices, adicionalmente, são instrumentos que dão continuidade ao trabalho descritivo das séries, realizado, resumidamente, no Inventário. Trazem descrições mais aprofundadas e detalhadas de cada série e dos itens que a compõem, e dessa maneira se viabiliza o acesso ao item em si. Tais instrumentos realizam descrições minuciosas e exaustivas dos conteúdos de cada documento, ou de parte da documentação escolhida para a representação.

Os Índices são instrumentos de pesquisa que etiquetam os documentos com uma lista de termos descritores (temáticos, cronológicos, onomásticos, geográficos, etc), escolhidos por uma atividade que demanda significativa atenção e critério para propiciar uma rápida localização dos documentos no acervo.

Os Catálogos são instrumentos de pesquisa dedicados à realização de descrições sistemáticas, minuciosas e mais detalhadas de unidades documentais; são necessários quando se deseja atingir unidades individualizadas do acervo. Nos catálogos, se descreve cada uma das peças documentais de uma ou mais séries, seguindo-se critérios temáticos, cronológicos ou onomásticos. Tratam-se de instrumentos a serem construído somente quando todos os documentos do acervo já estiverem devidamente descritos em inventário.

Enquanto os Guias são responsáveis pela visibilidade da existência da instituição de guarda e uma visão mais geral do acervo e dos conjuntos documentais ao público, os Inventários

orientam os pesquisadores sobre o contexto histórico do item documental e a localização deste no acervo, e os catálogos e índices, além de indicar com precisão a localização, trazem uma representação descritiva do item pretendido.

Nos museus, os instrumentos de pesquisa são ferramentas essenciais na gestão do sistema de documentação, que lida com a documentação referente aos objetos do acervo e a das práticas administrativas da instituição. A sistematização e o controle dos itens a serem considerados no processo de extração das informações do objeto são necessários para nortear o registro e resgate dos dados referentes a ele, bem como a padronização da documentação museológica na instituição.

Todos os procedimentos que envolvem a catalogação museológica devem ser normalizados e produzir: ficha catalográfica/banco de dados, dados gerais do museu, dados, administrativos e jurídicos, imagem, nº de patrimônio/ tombo/ registro museológico, nº de processo, valor, forma de entrada (ver abaixo detalhes em estatuto jurídico da coleção, data de entrada), topografia, dados físicos e culturais, tipologia do objeto, denominação do objeto, autor fabricante, descrição, título, data, dimensões, altura, largura, profundidade, origem, forma de confecção/produção/material e técnica, estado de conservação (data, descrição/ocorrência, inscrições/sinais), localização, transcrição, dados complementares, referências bibliográficas, observações, catalogador, função data.

Posteriormente, as informações extraídas e registradas deverão ser explicitadas em um sistema de recuperação que armazenará essas informações referentes ao acervo, e que serão disponibilizadas em uma base de dados para pesquisa, acesso, uso e reuso das comunidades de interesse.

O AtoM, por se tratar de um sistema de descrição

multinível, possibilita que a representação da informação aconteça desde a produtor (instituição, pessoa ou família) até o item documental referente aos objetos custodiados no acervo. Desenvolvem-se, nele, descrições que partem do geral para o específico; dos vários níveis descritivos existentes no sistema, com suas diversas funcionalidades, e da adoção das normas de descrição internacionais e padronizadas. Responde-se, portanto, às necessidades descritivas de acervos museológicos de forma satisfatória e se cumpre, por meio dele, com eficiência e eficácia, a função dos Instrumentos de Pesquisa.

Os campos descritivos do sistema AtoM, de acordo com o nível de especificidade pretendido pela instituição, atendem às necessidades de informação previstas tanto no Guia, quanto no Catálogo e no Inventário dos museos, e cumprem as funções desses Instrumentos em seus contextos.

Nandia Letícia Freitas Rodrigues

Museu Unesp Marília

Pesquisa rápida

Pesquisar

Item H/380 - Conjunto de louças inglesas (Preliminar)

(Preliminar) [Item] H/380 - Conjunto de louças inglesas

Outros idiomas disponíveis

Zona de identificação

Código de referência: BRMHFFC-INT-UTECOZ-H/380

Título: Conjunto de louças inglesas

Data(s):
- doação (Acumulação)

Nível de descrição: Item

Dimensão e suporte: Tridimensional - porcelana

Prato grande
Altura: 2 cm
Largura: 23 cm
Profundidade: 23 cm
Peso:

Prato pequeno
Altura: 1,5 cm
Largura: 17,5 cm
Profundidade: 17,5 cm
Peso:

Molheira
Altura: 10 cm
Largura: 12 cm
Profundidade: 17,5 cm
Peso:

Zona do contexto

Nome do produtor: Woods Ware

Entidade detentora: Museu Unesp Marília

Fonte imediata de aquisição ou transferência: Doado por Sra. Maria Luiza M. Nogueira

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo: Conjunto de louças inglesas da marca Woods Ware, sendo dois pratos, um grande (prato raso) e um pequeno (prato de sobremesa), e uma molheira (recipiente utilizado para servir molhos).
Um prato raso feito de louça na cor branca. Possui forma circular com a ... »

Avaliação, selecção e eliminação: Permanente.

Ingressos adicionais: Não há ingressos adicionais.

Zona de condições de acesso e utilização

Condições de acesso: Acesso virtual.

Condiçoes de reprodução: Sem restrições.

Zona das notas

Nota: Nome do inventário: Dois pratos de louça com paisagem

Nota: Nome da peça no inventário: Dois pratos de louça com paisagem

Pontos de acesso

Pontos de acesso - Assuntos:
- Pratos
- Molheira
- Louça
- Utensílio de Cozinha

Pontos de acesso - Locais:
- Marília, São Paulo, Brasil

Pontos de acesso - Nomes:
- Woods Ware (Produtor)
- Sra. Maria Luiza M. Nogueira (Assunto)

Pontos de acesso de género:
- tridimensional

Zona do controlo da descrição

Datas de criação, revisão, eliminação: Descrito em 16 de Maio de 2018.

Nota do arquivista: Descrito por Gabriela de Oliveira Souza.

Editar | Apagar | Adicionar novo | Duplicar | Mover | Mais

Item H/90 - Bule de ágata (Preliminar)

Museu Unesp Marília

(Preliminar) [Item] H/90 - Bule de ágata
(Preliminar) [Item] H-90 - Bule de ágata-1

Museu Histórico da Faculdade de Filos... » Interiores » Utensílio de Cozinha » Bule de ágata

Outros idiomas disponíveis

Pesquisa rápida

Pesquisar

H-90 - Bule de ágata-2

Zona de identificação

Código de referência	BRMHFFC-INT-UTECOZ-H/90
Título	Bule de ágata
Data(s)	• 12/31/1959 (Acumulação)
Nível de descrição	Item
Dimensão e suporte	Tridimensional - ágata; metal Altura: 19 cm Largura: 25 cm Profundidade: 17 cm

Zona do contexto

Nome do produtor	Não identificado
Entidade detentora	Museu Unesp Marília
Fonte imediata de aquisição ou transferência	Doado por Paulo Barros Camargo.

Zona do conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo	Bule inglês de ágata na cor cinza e prata com detalhes em metal. A peça possuí base circular em metal com dois furos, corpo em pedra ágata no formato concavo, com detalhe de metal em alto relevo ao centro, contendo uma alça de formato semi circular, com ... »
Avaliação, selecção e eliminação	Permanente
Ingressos adicionais	Sem ingressos adicionais

Zona de condições de acesso e utilização

Condições de acesso	Acesso virtual.
Condiçoes de reprodução	Sem restrições.

Zona das notas

Nota	Nota de conservação: A peça possui alguns pontos de desgaste, detalhe de metal em alto relevo ao centro danificado.

Pontos de acesso

Pontos de acesso - Assuntos	• Utensílio de cozinha • Bule
Pontos de acesso - Locais	• Marília, São Paulo, Brasil.
Pontos de acesso - Nomes	• Não identificado (Produtor) • Paulo Barros Camargo (Assunto)
Pontos de acesso de género	• Tridimensional

Zona do controlo da descrição

Datas de criação, revisão, eliminação	Descrito em 13 de junho de 2018. Revisado em 13 de junho de 2018.
Nota do arquivista	Descrito por Simão Apocalypse. Revisado por Simão Apocalypse.

Editar | Apagar | Adicionar novo | Duplicar | Mover | Mais

Área de transferência

Adicionar

Explorar

Relatórios
Ver como lista
Navegar objetos digitais

Importar

XML
CSV

Exportar

Dublin Core 1.1 XML
EAD 2002 XML

Instrumento de descrição documental

Transferir

Assuntos relacionados

Utensílio de cozinha
Bule

Pessoas e organizações relacionadas

Não identificado (Produtor)
Paulo Barros Camargo (Assunto)

Géneros relacionados

Tridimensional

Locais relacionados

Marília, São Paulo, Brasil.

REPRESENTAÇÕES DO ACERVO

Interiores

Objetos de iluminação

H-19 - Candeeiro de mesa

Dimensão e suporte

Material: cobre / latão

Altura: 19 cm

Comprimento: 11 cm

Largura: 7 cm

Âmbito e conteúdo

Candeeiro de mesa em cobre e latão utilizado para iluminação. Possui base plana que sustenta o corpo da peça em formato arredondado, semelhante a uma chaleira. Apresenta orifício na parte superior e três listras decorativas em baixo relevo no corpo da peça. Contém, na parte frontal, um bico com pavio de algodão. Possui haste que se ergue acima do corpo da peça e duas correntes, uma com um gancho e outra com uma pinça.

Interiores

Utensílios domésticos

H-77 - Ferro de passar niquelado

Dimensão e suporte

Material: metal

Altura: 16,5 cm

Largura: 8,5 cm

Profundidade: 21,3 cm

Âmbito e conteúdo

Ferro de passar roupa de metal prata. Possui base plana com ponta levemente triangular. Em sua parte traseira, há uma abertura semicircular com um pino que executa o sistema de abre e fecha para colocar pedra quente em seu interior. Na parte superior, apresenta uma alça de madeira parafusada a um suporte.

Interiores

Utensílios de cozinha

H-90 - Bule de ágata

Dimensão e suporte

Material: metal

Altura: 19 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 17 cm

Âmbito e conteúdo

Bule inglês de pedra ágata, uma variedade de quartzo, cinza e prata com detalhes em metal. Possui base circular em metal, alça com adornos e bico alongado e curvo. Contém tampa de metal presa por uma dobradiça com pegador sobre uma elevação circular. Abaixo da tampa, apresenta detalhe serrilhado.

Interiores

Utensílios de cozinha

H-105 - Panela de bronze

Dimensão e suporte

Material: bronze

Altura: 20,5 cm

Largura: 23 cm

Profundidade: 21,5 cm

Âmbito e conteúdo

Panela de bronze fabricada em 1830, arredondada, semelhante a um caldeirão. Possui tripé alongado, duas hastes de forma triangular e pontiagudas nas laterais que sustentam a alça móvel. Apresenta borda lisa, sem detalhes e levemente projetada para fora. Há uma inscrição alfanumérica "L1830F" gravada em alto relevo na parte exterior da peça.

Interiores

Utensílios de cozinha

H-3 - Almofariz de bronze com frisos

Dimensão e suporte

Pistilo	Almofariz
Material: bronze	Material: bronze
Altura: 22 cm	Altura: 12 cm
Largura: 4 cm	Largura: 11,5 cm
Profundidade: 4 cm	Profundidade: 11,5 cm

Âmbito e conteúdo

Almofariz de bronze, também conhecido por gral, pilão, moedor ou morteiro; utensílio usado para moer pequenas quantidades de produtos. A peça é semelhante a um cálice. Na base, apresenta uma linha horizontal em alto relevo e, no corpo, duas linhas horizontais grossas, frisadas e com texturas diagonais. A borda é demarcada por uma linha horizontal, lisa e projetada para fora.

Pistilo de bronze, também conhecido com amassador, soquete ou mão de pilão. Apresenta forma alongada com base arredondada; no centro, detalhe protuberante em formato anelar e arredondado e pequeno bulbo na ponta superior.

Interiores

Utensílios de cozinha

H-98 - Pichel de cobre

Dimensão e suporte

Material: cobre

Altura: 18,5 cm

Largura: 19 cm

Profundidade: 12 cm

Âmbito e conteúdo

Pichel de cobre, um utensílio doméstico semelhante a uma jarra, utilizado para tomar vinho. A peça possui formato arredondado com superfície lisa, brilhante, de tonalidade dourada e levemente alaranjada. A base de sustentação é arredondada e lisa. O corpo é cilíndrico e arredondado próximo à base e afunilado na parte superior. Contém pegador longo, afunilado, vazado e fixado com três rebites na lateral.

Interiores

Utensílios de cozinha

H/376 - Aparelho de chá de porcelana

Dimensão e suporte
Açucareiro
Material: porcelana
Altura: 12,2 cm
Largura: 16,5 cm
Profundidade: 8 cm

Âmbito e conteúdo

Bule de porcelana branca arredondado com tampa removível. No corpo da peça há desenhos de uvas roxas e folhas prateadas em alto relevo. Possui bico alongado com detalhe prata na abertura e alça prateada. A tampa é arredondada com pegador em forma de uva que completa o desenho das folhas em alto relevo, e possui um pequeno furo para a saída do vapor.

Açucareiro de porcelana branca arredondado. No corpo da peça há desenhos de uvas roxas e folhas prateadas em alto relevo. Possui duas alças

Bule	Pires	Xícaras
Material: porcelana	Material: porcelana	Material: porcelana
Altura: 16,5 cm	Altura: 2 cm	Altura: 6,5 cm
Largura: 22 cm	Largura: 15 cm	Largura: 11 cm
Profundidade: 10 cm	Profundidade: 14,6 cm	Profundidade: 8,5 cm

prateadas de tamanhos diferentes. A tampa é arredondada com pegador em forma de uva que completa o desenho das folhas em alto relevo. Par de xícaras de porcelana branca arredondadas. No corpo da peça há desenhos de uvas roxas e folhas prateadas em alto relevo. Possui alça e borda prateada. Apresenta a inscrição "MARCA REGISTRADA JAPAN" na parte inferior.
Par de pires de porcelana branca. Possui desenhos de folhas de uva em alto relevo e borda com detalhe prateado.

Interiores

Utensílios de cozinha

H/386 - Bacia e jarro de louça

Dimensão e suporte

Bacia	Jarro
Altura: 11 cm	Altura: 29,5 cm
Largura: 37 cm	Largura: 20 cm
Profundidade: 37 cm	Profundidade: 19 cm

Âmbito e conteúdo

Jarro de louça inglesa branca. Possui base circular com corpo arredondado que se afunila até a parte superior. Próximo à borda, apresenta uma linha horizontal em alto relevo. Contém alça alongada e detalhe elevado na parte superior. Apresenta pinturas de folhas e rosas em tons de azul no corpo, na alça e na borda.

Bacia de louça inglesa branca arredondada com detalhes de folhas em alto relevo na borda. Apresenta pinturas de folhas e rosas em tons de azul na parte interna, e na parte externa a inscrição "IRONSTONE CHINA J&G MEAKIN HANLEY ENGLAND".

Interiores

Utensílios de cozinha

H-253 - Moinho para moer café

Dimensão e suporte

Material: ferro
Altura: 32 cm
Largura: 19,5 cm
Profundidade: 39 cm

Âmbito e conteúdo

Moinho de ferro azul para moer café da marca FRY. A parte superior, possui forma de funil com uma etiqueta com as inscrições sobre a marca e tampa móvel de forma circular. Apresenta uma manivela curva com o cabo em madeira acoplado ao centro da peça, onde se localiza o mecanismo responsável por moer os grãos. Na parte traseira, contém um suporte retangular com abas e furos para fixação.

Interiores

Peça de mobiliário

H-136 - Cadeira de jacarandá

Dimensão e suporte

Material: madeira / palha
Altura: 103 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 36 cm

Âmbito e conteúdo

Cadeira de madeira de jacarandá origenária da Bahia. O item possui detalhes talhados na madeira por toda sua extensão. As pernas posteriores da cadeira são lisas e as frontais possuem detalhes torneados em alto e baixo relevo. Na parte frontal do assento, há arabescos talhados em alto e baixo relevo. O assento e o encosto são feitos de palha trançada e contém dois pilares paralelos em suas extremidades. A parte frontal superior do encosto, possui arabescos semelhantes aos da parte frontal do assento.

Montaria

Acessório de montaria

H-149 - Estribos da Revolução Farroupilha

Dimensão e suporte
Material: metal
Altura: 16 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 4 cm

Âmbito e conteúdo

Par de estribos de metal alpaca utilizado para montaria em cavalos. Na base, há o brasão da Revolução Farroupilha em alto relevo, detalhes pontilhados em baixo relevo e borda em formato semicircular contínuo semelhante a um babado. Possui formato circular e, na parte superior, um gancho retangular.

Caça e Guerra
Arma
H-70 - Garrucha de canos remontados

Dimensão e suporte
Material: metal /madeira
Altura: 9,5 cm
Largura: 2,5 cm
Profundidade: 29,5 cm

Âmbito e conteúdo
Garrucha de canos remontados feito de ferro cinza e com o cabo de madeira marrom. O cabo tem formato curvo e possui detalhes verticais em alto e baixo relevo e uma argola na parte inferior. Acima do guarda-mato e do gatilho, há um detalhe em metal com arabescos e dois parafusos que fixam o cão - peça que aciona o percussor. Entre o cabo e o cano, há um anel dourado e, posteriormente, inicia-se o cano duplo com formato afunilado e detalhes em alto e baixo relevo.

Objetos cerimoniais

Objetos de culto

H-127 - Turíbulo de bronze

Dimensão e suporte

Material: latão

Altura: 20 cm

Largura: 9,2 cm

Profundidade: 9,2 cm

Âmbito e conteúdo

Turíbulo, ou incensário, de latão dourado, utilizado em Liturgia Católica. A parte inferior é semelhante a uma taça, com base circular e traços em baixo relevo. Possui três correntes presas no corpo que atravessam o opérculo - tampa da base - e vai até a cápsula. Na parte superior, há um opérculo com pequenos detalhes vazados em círculos e retângulos. Contém uma cápsula circular torneada e uma argola que fixa as correntes.

Objetos cerimoniais
Objetos de adoração
H-81 - Imagem de São Sebastião

Dimensão e suporte
Material: madeira
Altura: 62,5 cm
Largura: 22 cm
Profundidade: 18,5 cm

Âmbito e conteúdo
Imagem de São Sebastião de madeira. Possui base octogonal marrom. Seus pés estão descalços; sua veste é comprida e de manga longa nas cores vermelha e verde com bordas douradas, e cobre o seu ombro e braço direito enquanto o lado esquerdo está despido; a barra dispõe-se diagonalmente da direita para esquerda. Seu braço esquerdo está amarrado em um galho de árvore e com uma flecha no antebraço. Seu rosto tem formato arredondado, seus olhos e sobrancelhas são pintados, o nariz e boca recebe detalhes de profundidade em alto e baixo relevo. Seus cabelos são compridos, marrom e com ondulações. Atrás da imagem, há um tronco de árvore na cor marrom composto por dois galhos.

Objetos cerimoniais
Objetos de adoração
O-423 -Imagem de Nosso Senhor da Coluna

Dimensão e suporte
Material: madeira / gesso
Altura: 56,5 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 18 cm

Âmbito e conteúdo
Imagem representando a flagelação de Jesus Cristo na residência de Pilatos. Escultura de madeira com fina camada de gesso. Base marrom em forma de trapézio com cantos dianteiros arredondados; há uma linha horizontal em baixo relevo na parte frontal; acima da linha, há um recuo arredondado; na parte superior da base há uma faixa com quadrados em alto relevo. Seus pés estão descalços e seu corpo nu, exceto as partes íntimas, cobertas por um pano marrom em alto e baixo relevo. Suas mãos estão sobrepostas, flexionadas para o lado esquerdo e amarradas. Seu rosto tem formato quadrado, seus olhos são preenchidos por uma resina branca e preta, seu nariz é pontiagudo com perfurações nas narinas, sua boca tem um fino traço em baixo relevo separando os lábios. Sua barba e seus cabelos compridos são marrons. Nas costas há respingos vermelhos representando o sangue. Abaixo das mãos, há a coluna da flagelação, a qual Jesus foi atado e açoitado durante sua paixão.

Objetos cerimoniais

Objetos de adoração

H/147 - Imagem de Nossa Senhora Conceição

Dimensão e suporte
Material: madeira
Altura: 32 cm
Largura: 13 cm
Profundidade: 10 cm

Âmbito e conteúdo

Imagem de Nossa Senhora Conceição de madeira. Possui base amarela no formato de arco que representa uma meia lua. A veste de mangas longas é verde claro com estampa floral e possui ondulações por toda sua extensão, principalmente na barra. Seu manto azul e vermelho possui detalhes amarelos e cobre seu ombro direito e suas costas. Seus braços estão flexionados para frente e suas mãos se encontram unidas em posição de oração. Seu rosto tem formato oval, seus olhos e boca são pintados e o nariz em alto relevo. Seus cabelos na cor preta são compridos, com ondulações em alto e baixo relevo.

Objetos cerimoniais

Objetos de adoração

O/416 - Crucifixo de Madeira

Dimensão e suporte

Material: madeira / porcelana

Altura: 72 cm

Largura: 29,5 cm

Profundidade: 10,3 cm

Âmbito e conteúdo

Crucifixo de madeira e porcelana, originário do século XVIII. Possui base retangular de porcelana branca e laranja com desenhos de folhas brancas. Acima, inicia-se o crucifixo de madeira escura. A escultura de Jesus Cristo atada no crucifixo é de madeira revestida com uma camada de gesso; seu pé direito está sobre seu pé esquerdo onde uma estaca pontiaguda perfura os dois pés para fixar na cruz. Seu corpo está nu, exceto o pano branco que veste suas partes íntimas. Há tinta vermelha representando o sangue nos joelhos, pescoço e escorrendo pelo corpo. Seus braços estão abertos e cada mão pregada na cruz por estacas pontiagudas. Seu rosto tem formato oval, os olhos estão fechados e a boca entreaberta, seus cabelos e barba são compridos de cor escura. No eixo de cruzamento da cruz há um halo em metal com uma flor alto relevo no centro.

Comunicação

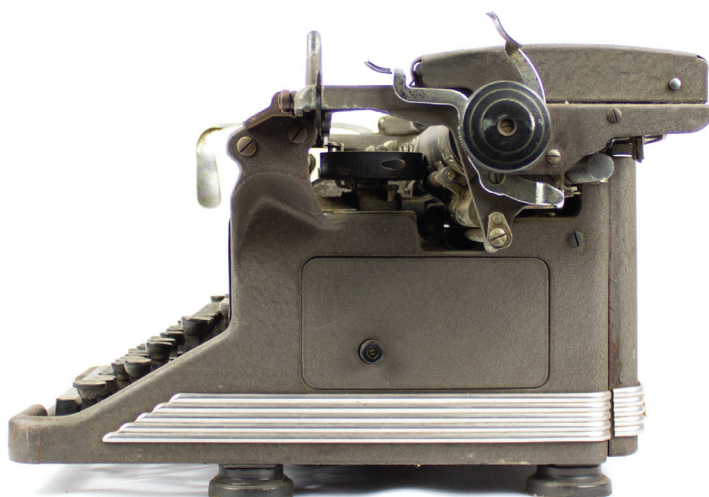
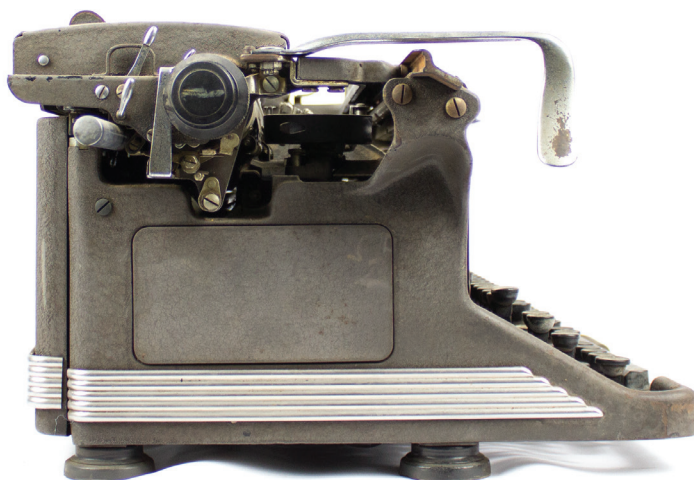
Equipamentos para comunicação escrita

O/434 - Máquina de escrever Underwood

Dimensão e suporte
Material: metal
Altura: 26 cm
Largura: 48 cm
Profundidade: 38 cm

Âmbito e conteúdo

Máquina de escrever com base irregular com quatro semicírculos que servem como pés, presos cada um por um parafuso. Apresenta o mecanismo responsável pelo funcionamento do teclado na parte inferior da peça. O teclado possui um total de 56 teclas, utiliza do padrão QWERT (layout de teclado para o alfabeto latino utilizado em computadores e máquinas de escrever), as inscrições nas teclas são brancas e em baixo relevo.

Logo acima do teclado, há uma estrutura de metal com a inscrição da marca "Underwood". Ao lado direito da inscrição, há um pequeno pino responsável pela troca de cor das letras e, na parte superior, há outro

pino com numerações. Acima da estrutura de metal, há uma régua com números em verde e branco seguida do suporte das fitas das cores da fonte e um cilindro de rolagem.
Possui uma segunda placa de metal para segurar a folha e também com a inscrição "Underwood", e na lateral direita há uma maçaneta para movimentar o mecanismo da fita. Na parte traseira, há as inscrições "Underwood" e "PROTECTED BY UNITED STATES & FOREIGN PATENTS".

Medição, registro, observação e processamento
Instrumentos de medida de tempo
H/402 - Relógio Schmith de 1922 - Alemão

Dimensão e suporte
Material: cobre/plástico
Altura: 19 cm
Largura: 16,5 cm
Profundidade: 6,5 cm

Âmbito e conteúdo
Relógio Schmith, produzido na Alemanha por volta de 1922. A base e superfície são de cobre e pintado de dourado com detalhes redondos e quadrilaterais, com vazamentos que deixam aparente um tecido vermelho. Contém gaveta que, quando aberta, ativa mecanismo com melodia. As laterais do relógio são de plástico e formam uma cúpula, sustentada por quatro astes em cobre, duas na parte da frente e duas atrás. As laterais apresentam desenhos de flores, montanhas, casa tradicional japonesa, riacho e pessoas com sombrinhas. Dentro da cúpula de plástico, está o relógio sustentado por duas hastes de cobre e apresenta pendão dourado. O relógio possui detalhes em preto e prata e os números árabes são prateados. A cúpula é fechada por uma placa de metal que contém uma alça dourada.

Medição, registro, observação e processamento

Instrumentos de medida de tempo

H-404 - Relógio Silco

Dimensão e suporte

Material: metal

Altura: 35 cm

Largura:14 cm

Profundidade: 14 cm

Âmbito e conteúdo

Relógio alemão de metall dourado, da marca Silco, fabricado no ano de 1915. A base é retangular e contém quatro pés que sustentam as colunas. Na parte frontal, possui mostrador retangular com fundo dourado, números romanos pretos e ponteiros dourados. As laterais do relógio apresentam arabescos vazados e, na parte posterior um compartimento com pequena porta e maçaneta esférica. Na parte interna do relógio, estão as engrenagens, os sinos da peça e uma pequena chave. Na parte superior, há arabescos em alto relevo de figuras de pavões e cúpula com quatro tiras atadas por uma estrela de oito pontas e, no centro, um pino.

Medição, registro, observação e processamento

Instrumentos de medida de tempo

H/116 - Relógio de parede

Dimensão e suporte

Material: madeira
Altura:50 cm
Largura:31,3 cm
Profundidade:12,2 cm

Âmbito e conteúdo

Relógio de parede da marca Water Day Clock de madeira. Possui forma de capela, com base retangular e pequena elevação. Na parte frontal, há uma porta de vidro transparente pentagonal, com uma pequena maçaneta de metal cinza, com arabescos dourados, com mostrador do relógio branco e moldura dourada, com números romanos pretos e ponteiros dourados. Fixado ao mostrador, há um pêndulo em formato de meia lua e os mecanismos que fazem o relógio tocar. Na parte superior, há formas semelhantes a torres, uma de cada lado do relógio.

Medição, registro, observação e processamento

Instrumentos de medida de tempo

H/250 - Relógio de bolso com chaves e corrente de prata

Dimensão e suporte

Material: prata

Altura: 1 cm

Largura: 4,5 cm

Profundidade: 44,2 cm

Âmbito e conteúdo

Relógio de bolso português, da marca Cylindre, de prata. Possui mostrador branco, com números romanos e arábicos, ponteiros finos e um pequeno mostrador que marca os segundos. O verso do relógio contém o nome da marca e as inscrições H RUBIS, Nº 7128, 7128 e TV. Na parte superior, possui pequeno pino que fixa a corrente, que contém uma chave para dar corda e uma moeda. A moeda possui borda serrilhada, uma das faces contém as inscrições 500 RÉIS e CENTENÁRIO DE DESCOBERTA DA ÍNDIA, IN, HOC, SIGNO, VINCES, 1498 - 1898, ao redor da Cruz da Ordem Militar de Cristo; a outra contém as inscrições CARLOS I REI E AMELIA RAINHA DE PORTUGAL e a imagem do rei e da rainha.

Medição, registro, observação e processamento
Instrumentos de medida de tempo

H/400 - Relógio Remontoir

Dimensão e suporte
Material: ferro
Altura: 7,3 cm
Largura: 4,8 cm
Profundidade: 1,5 cm

Âmbito e conteúdo

Relógio Remontoir em homenagem a estrada de ferro produzido na Suíça no ano de 1898. Apresenta mostrador branco, com números romanos e arábicos, ponteiros finos com detalhes circulares e um pequeno mostrador com ponteiro fino que marca os segundos. Ao centro, contém um desenho de um trem, próximo aos ponteiros centrais. A lateral possui moldura com detalhes pontilhados em alto e baixo relevo. O verso apresenta detalhes em alto e baixo relevo e contém dois compartimentos: um com a inscrição "SYSTEME ROSKOPF" e alguns desenhos de brasão, e outro com abertura para as engrenagens. Na parte superior, contém um pino como trava e uma argola dourada.

Objetos Pessoais

H/248 - Óculos escuros

Dimensão e suporte

Óculos	Caixa
Altura: 4 cm	Altura: 6 cm
Largura: 11,5 cm	Largura: 13,5 cm
Profundidade: 9,5 cm	Profundidade: 2 cm

Âmbito e conteúdo

Par de óculos escuros com armação de metal prata. Possui lentes escuras e finas, aro na forma oval e ponte curva, parte que apoia os óculos no nariz. Apresenta haste fina e extremamente flexível com ponteira de forma oval. Contém uma caixa retangular com laterais arredondadas, forrada, na parte externa, com material semelhante a couro marrom e, na parte interna, com um tecido aveludado marrom claro com as inscrições "OPTICA ESTHETICA MARCA A ESPECIALISTA CASA FUNDADA EM 1924".

Equipamento de uso Geral
D-435 - Aparelho de gravar chapéus

Dimensão e suporte
Material: metal
Altura: 25 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 19,5 cm

Âmbito e conteúdo
Aparelho italiano de metal bordô, dourado e cinza, da marca Morostiva, para gravação em chapéus. Base retangular de cantos arredondados e pequenos furos laterais para fixar a peça. Abertura retangular central, com mola que circula ferro cilíndrico. Na parte superior, há adesivos florais dourados e, no centro, placa de metal presa por dois pregos, com as bordas e inscrições em dourado WATT e VOLT em baixo relevo, e 40, 110, Inizialor e Brevetto Bonomo em alto relevo. Corpo composto por duas partes: a primeira de forma semicircular, com estrutura de metal presa por três parafusos; a segunda de forma circular presa à primeira por suporte de metal. Na vista posterior, uma estrutura de ferro retorcido sustenta rolo de fita e cabo de força para ligar a máquina. Na vista frontal, contém manivela com apoio circular na ponta e arabescos dourados. Possui mostrador com letras em bordô, inscrições G. BONOMO e MAROSTICA (VICENZA) ITALIA, botão circular e ponteiro para marcar a letra que será gravada.

Equipamento de Fiação e Tecelagem
H/326 - Máquina de costura manual

Dimensão e suporte
Material: metal
Altura: 25 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 19,5 cm

Âmbito e conteúdo
Máquina de costura manual de metal, da marca Singer. Possui base de metal com ornamentos em alto e baixo relevo que se assemelham a pequenos ramos e, em suas extremidades, quatro rostos talhados esculpidos no metal. No lado esquerdo, localiza-se a agulha e, no lado direito, uma engrenagem com manivela e selo com a inscrição "THE SINGER MACHINE - TRADE MARK".

Lazer e Desporto
E/7 - Boneca carajá

Dimensão e suporte
Material: madeira
Boneca pequena
Altura: 21,7 cm
Largura: 7,1 cm
Profundidade: 6,1 cm

Boneca média
Altura: 24,3 cm
Largura: 8,2 cm
Profundidade: 7 cm

Boneca grande
Altura: 48 cm
Largura: 11,3 cm
Profundidade: 12,5 cm

Âmbito e conteúdo

Bonecas carajás indígenas de madeira, sendo duas em tamanho médio e uma em tamanho grande. As bonecas são entalhadas com os braços junto ao corpo, pernas separadas e em forma de bujão. Possui colares marrons e beges de cordão trançado e com diferentes formas. No corpo e no rosto, há grafismos pretos e alaranjados.

Caça e Guerra

Instrumentos de caça

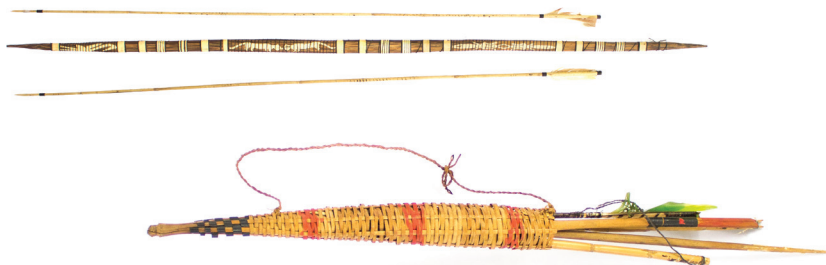
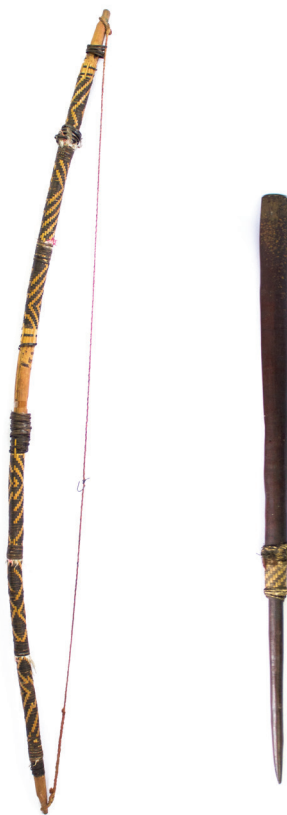
E/3 - Arco de madeira escura e uma arma de madeira para caça

Dimensão e suporte

Arco
Material: madeira
Altura: 147 cm
Largura: 14 cm
Profundidade: 4 cm

Borduna
Material: madeira
Altura: 125 cm
Largura: 7,5 cm
Profundidade: 3,5 cm

Âmbito e conteúdo

Arco e uma borduna indígena de madeira. O arco possui ornamentos de palha vegetal trançadas e enroladas que formam grafismos marrons e beges e algumas penas de aves. Suas extremidades são ligadas por uma corda vegetal.
A borduna, arma indígena de ataque, defesa ou caça, possui corpo de madeira lisa e polida, de cor escura, levemente achatada. O cabo é fino e há um ornamento em palha trançada que formam grafismos marrons e beges, com corda de algodão e penas.

Instrumentos musicais

H/26 - Flauta de Pã

Dimensão e suporte

Material: madeira
Altura: 29,5 cm
Largura: 5 cm

Âmbito e conteúdo

Flauta indígena de madeira marrom claro. A flauta de pã é composta por quatro tubos cilíndricos de tamanhos diferentes, dispostos e amarrados por uma corda de sisal. Os tubos são fechados na extremidade inferior, de modo que o som é produzido por meio do sopro nas extremidades superiores, que são abertas.

Instrumentos musicais

E-21 - Zunidor

Dimensão e suporte

Material: madeira
Altura: 62 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 1 cm

Âmbito e conteúdo

Zunidor originário de tribos Mehinako, de madeira marrom clara. Possui formato alongado e ponta arredondada e estreita, com detalhes pretos em linhas horizontais nas extremidades e um círculo no centro. Na parte superior possui um corte interno com um furo onde está preso um fio de barbante.

Interiores

Utensílios de cozinha

E/28 - Cesta redonda grande e peneira pequena

Dimensão e suporte

Peneira	Cesta
Material: vegetal/ cestaria	Material: vegetal/ cestaria
Altura: 38,0 cm	Altura: 54,0 cm
Largura: 28,0 cm	Largura: 54,0 cm
Profundidade: 6,0 cm	Profundidade: 12, 0 cm

Âmbito e conteúdo

Conjunto composto por uma cesta e uma peneira. Cesta arredondada feita com tiras de bambu grossas e finas entrelaçadas. A base possui diâmetro menor que o corpo da peça. Em uma das laterias, possui uma pequena alça.

Peneira pequena feita com palhas de bambu entrelaçadas. O corpo da peça é composto por tiras bege e marrom, que formam losangos no centro da peça. Sua borda é composta por uma larga tira de bambu e finas amarrações com fitas de bambu retorcidas e trançadas.

Interiores

Utensílios domésticos

E/11 - Peças de cerâmicas Indígena

Dimensão e suporte

Item I	Item II	Item III
Material: cerâmica	Material: cerâmica	Material: cerâmica
Altura: 12,5 cm	Altura: 14 cm	Altura: 8,5 cm
Largura: 12 cm	Largura: 14 cm	Largura: 39 cm
Profundidade: 12 cm	Profundidade: 14 cm	Profundidade: 39 cm

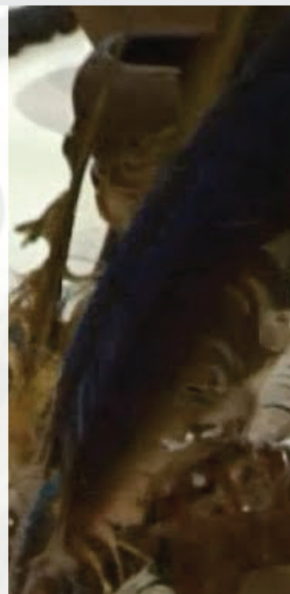
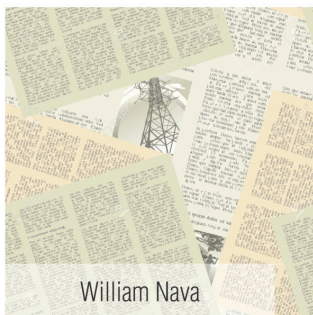
Âmbito e conteúdo

Conjunto composto por três peças de cerâmicas indígenas.

Dois recipientes de cerâmica marrom avermelhado, com diferentes tamanhos, com base circular, sendo sua extensão até a borda formada por ondas em baixo e alto relevo. Na parte inferior, apresenta um espaço oco que produz som similar ao de um chocalho. A borda superior e parte interior do item são pretas.

Recipiente de cerâmica marrom avermelhado com bordas levemente onduladas. A peça tem característica rústica e apresenta leves desenhos brancos no lado externo do recipiente, quais acompanham seu formato.

BEM-VINDO

Disponibilizamos alguns dos objetos que compõem o acervo do Museu Histórico da Unesp de Marília, testemunhos da ocupação da nossa região. Temos roupas de alguns dos pioneiros da cidade, objetos dos povos originários que habitavam nossa região, coleções de moedas antigas, bem como objetos antigos de pessoas que viveram aqui. Nossa intenção é divulgar e dar acesso aos materiais que compõem o acervo da Unesp de Marília como parte importante na construção da memória da região e, portanto, das pessoas que aqui vivem e viveram. O museu é regularmente enriquecido graças a doadores – cidadãos de Marília e da região que buscam preservar, divulgar e valorizar a história de um objeto ou coleção que eles acreditam que deve pertencer à comunidade.

coleções

William Nava

Museu Pedagógico Unesp

Endereço
Rua Yara, 85
Bairro Cascata - Marília/SP
FFC/UNESP Campus II

Endereço de Correspondência
Avenida Hygino Muzzy Filho, 737
Bairro Mirante - Marília/SP
CEP: 17.525-900
FFC/UNESP Campus I

Contato
ladri@marilia.unesp.
(14)99422.3882

nções | Assuntos | Locais | Objetos digitais

Pesquisar

novidades

a.unesp.br
3882

criação e manutenção:

Laboratório de Pesquisa
em Design e Recuperação
da Informação

A INTERFACE DE INTERAÇÃO

Historicamente, os museus adotaram diferentes estratégias para responder aos desafios relacionados aos setores de expografia, do compartilhamento da informação, de documentação e do seu funcionamento geral. Quanto à expografia, a museologia aborda as melhores maneiras de dispor os itens de suas coleções de modo a contar uma história, construir uma narrativa ou convergir um conjunto de ideais. O compartilhamento da informação faz emergir questionamentos sobre as melhores formas de tornar o museu conhecido, atrair mais visitantes e potencializar sua função social. O setor de documentação de um museu envolve estudos de melhores práticas para o registro e a organização das informações relacionadas ao seu acervo, a fim de possibilitar a recuperação e o acesso às coleções.

Na Web 2.0, a convergência dos museus e seus acervos trouxe novas possibilidades de soluções para os problemas existentes. Porém, emergiram também, nesse contexto, novos problemas de Curadoria Digital (CD) a serem abordados pelas áreas envolvidas nas questões museológicas. No âmbito da Ciência da Informação, buscamos soluções para problemas relacionados à apresentação, à representação, à organização, ao acesso e ao compartilhamento de informação museológica em ambientes digitais.

A CD envolve os estudos em torno de todas as fases pelas quais os objetos digitais passam – produção, armazenamento, organização, criação de metadados, seleção, descarte, preservação, acesso e compartilhamento. Para cada fase, há diferentes abordagens a serem adotadas a fim de possibilitar a preservação a longo prazo desses objetos, e a recuperação, o acesso e o compartilhamento adequados para as comunidades de interesse. Uma abordagem integrada e sistematizada dos

processos necessários é desejável e imprescindível para os resultados almejados.

Um ambiente digital criado para experiência e interação eficazes e eficientes permite ao internauta obter o que necessita em menos tempo e com mais facilidade. A eficácia possibilita a obtenção dos resultados esperados com qualidade, de acordo com as necessidades específicas do internauta que acessa a informação. A atratividade e a agradabilidade do ambiente são essenciais para que a interação e a experiência ocorram eficientemente, de modo que o internauta permaneça no ambiente pelo tempo necessário para a realização de seus objetivos.

A iniciativa de trabalhar o acervo da FFC de Marília como ambiente modelar para outros acervos pertencentes à Universidade Estadual Paulista atende às necessidades do contexto pós-custodial na curadoria de acervos que contribuem com a construção da memória histórica e coletiva: ao contrário das informações guardadas nas pilhas de arquivos físicos, a documentação referente aos itens musealizados no acervo será exibida de forma dinâmica e não cronológica. Os documentos criados por meio da customização do software AtoM são disponibilizados por meio de interações controladas e associações feitas a partir de prévia indexação e vinculados por mapeamento de tópicos.

O paradigma pós-custodial pressupõe a busca por mediações entre instituições e sociedades que primam pela participação ativa dos sujeitos que, em rede, também exercem o papel de mediadores, a partir da criação e do compartilhamento de recursos de informação e da construção de conteúdos. Nesse contexto de pós-custodialidade, os indivíduos e as comunidades que interagem com os ambientes informacionais ultrapassam

o papel de meros utilizadores da informação. Assim, constitui-se uma demanda pelo emprego de uma nomenclatura mais adequada ao seu papel ativo nos processos de interação com a informação - tais como sujeito informacional.

O acesso e compartilhamento de informação representada em novos designs e novas visualizações, possibilitadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e colocadas em prática via ambientes Web, devem ser pensados como meio para novas e atualizadas formas de construção do conhecimento. Os ambientes digitais de convergência de acervos museológicos proporcionam possibilidades ampliadas de acesso, compartilhamento e interação com a informação de forma a possibilitar a construção de novos conhecimentos.

Nesse contexto, os profissionais da informação devem considerar que a interatividade com o ciberespaço ocorre em tempo real e em um espaço contínuo, no qual custódia e salvaguarda assumem um papel secundário, uma vez que a distância geográfica é irrelevante. Nesses ambientes, são criadas oportunidades para a construção de caminhos por meio de ligações e ações selecionadas pelos indivíduos que os acessam. A interatividade e a criatividade, assim, compreendem a cooperação, a colaboração e o compartilhamento de informação e conhecimento de maneira peculiar.

Desse modo, a interface de interação do Museu da FFC apresenta uma convergência das descrições das peças que compõem as coleções realizadas no software AtoM para a construção interativa de caminhos de navegação de acordo com as necessidades e contextos individuais de atuação. Será possível, assim, reorganizar e compartilhar conjuntos de descrições em novas coleções, além de comentar e dialogar com outros indivíduos que interagem com o ambiente.

Para a execução do Design da Informação (DI) e da concretização dessa interface de interação, o empenho e a capacitação de membros do laboratório envolvidos no projeto possibilita o enriquecimento da formação desses futuros profissionais, que adquirem competências hibridizadas condizentes. Os bibliotecários e arquivistas híbridos, denominação cunhada no âmbito da biblioteconomia e da Ciência da Informação, são parte atuante de um novo paradigma para as necessidades surgidas a partir das disrupções ocasionadas nas bibliotecas e demais dispositivos informacionais e culturais a partir da introdução das TIC. Eles constituem um perfil desejável de profissionais da informação aptos a atuar em um contexto de ubiquidade de plataformas digitais, em que diferentes materiais – livros, documentos, objetos musealizados em formatos diversos – textual, gráfico, audiovisual – ocupam os mesmos espaços simultaneamente. O projeto realizado coletivamente no âmbito do LADRI propicia a sua preparação no projeto a partir do incremento de sua formação.

As habilidades necessárias para a atuação em dispositivos informacionais híbridos incluem princípios que envolvem: ocupação de posições de liderança nos espaços acadêmicos, em busca de inovação e transformação; comprometimento com iniciativas de desenvolvimento de competência informacional das comunidades envolvidas em processos de ensino e aprendizagem; desenvolvimento de programas instrucionais e educacionais para subsidiar as comunidades que frequentam os dispositivos informacionais; colaboração e engajamento nas tecnologias educacionais que facilitem a missão instrucional dos espaços informacionais; implementação de transformações adaptativas, criativas e inovativas dos dispositivos informacionais.

O projeto **Acervo Revisitado: intersecções e convergências no redesign de uma coleção díspare** vai além da mera curadoria – registro, organização, descrição, digitalização, preservação e acesso – de um acervo histórico musealizado. Ele envolve a oportunidade de formação de futuros profissionais da informação híbridos – conceito que transcende a atuação em bibliotecas e amplia as possiblidades de atuação nos demais dispositivos informacionais, como arquivos, museus e centros de documentação.

No projeto, cada participante do LADRI tem a oportunidade de atuar em diferentes atividades similares às que encontrarão nos dispositivos informacionais e culturais que, progressivamente, enfrentam os desafios de envolver as TIC em seus processos. As atividades realizadas perpassam as fases cíclicas que constituem o ciclo de vida da CD: a identificação, o inventariado, a organização em coleções, a descrição e a documentação em instrumentos de pesquisa digitais, as ações de preservação e o fornecimento do acesso. Perpassam, também, a necessidade de encontrar soluções adequadas para o DI da interface de interação por meio da qual o acesso e o compartilhamento da informação ocorrerá.

Ademais, a constituição da estrutura laboratorial do LADRI de acordo com os moldes da Fapesp reúne pesquisadores em diferentes fases de formação – graduação, mestrado, doutorado, docência – e advindos de uma miríade de áreas acadêmicas e profissionais – Design Gráfico, Moda, Fotografia, Letras, Ciências Sociais, Filosofia, Arquivologia, Biblioteconomia, Computação, entre outras. A atuação colaborativa na resolução de problemas possibilita a aquisição de competências a partir do rodízio de pesquisadores em atividades diversas, inclusive na coordenação dos grupos de trabalho. Tal

configuração vai ao encontro de uma nova visão acerca da ciência – a chamada Ciência do Século XXI – progressivamente citada nos espaços nacionais e internacionais de divulgação e discussão acadêmica como o futuro a ser perseguido pelos espaços de produção científica.

A Ciência do Século XXI deve envolver mais pesquisas que atuem no reconhecimento de problemas reais enfrentados em diferentes contextos sociais e culturais. As pesquisas devem vislumbrar resultados concretos que produzam efeitos reais na solução de problemas cotidianos, na direção de uma maior aproximação entre academia e sociedade. Nesse contexto, são almejados resultados de pesquisas palpáveis na forma de produtos concretos empregáveis pelas comunidades e instituições que deles necessitam.

O livro **Acervo Revisitado: intersecções e convergências no redesign de uma coleção díspare** constitui-se, assim, em uma iniciativa de registro e visibilidade de um projeto modelar que pode ser reproduzido parcial ou integralmente por instituições diversas – laboratórios em ambientes acadêmicos, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus com acervos e públicos diversificados – que busquem soluções para a curadoria de acervos informacionais e culturais sob sua custódia.

Laís Alpi Landim